

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**DESDOBRAMENTOS DA PERSONAGEM PROSTITUTA: A GUARÁ SUBJETIVA E O
PALIMPSESTO DE ESTEREÓTIPOS**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**DESDOBRAMENTOS DA PERSONAGEM PROSTITUTA: A GUARÁ SUBJETIVA E
O PALIMPSESTO DE ESTEREÓTIPOS**

PORTO ALEGRE
2018

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**DESDOBRAMENTOS DA PERSONAGEM PROSTITUTA: A GUARÁ
SUBJETIVIDA E O PALIMPSESTO DE ESTEREÓTIPOS**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestra em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre
2018

Ficha Catalográfica

F399d Ferrão, Ana Carolina Schmidt

Desdobramentos da personagem prostituta : a guará subjetiva e o palimpsesto de estereótipos / Ana Carolina Schmidt Ferrão . – 2018.

89 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena.

1. Prostituição. 2. Estereótipo. 3. Subjetividade. I. Barberena, Ricardo Araújo. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecários responsáveis: Marcelo Votto Teixeira CRB-10/1974 e Michelângelo Viana CRB-10/1306

ANA CAROLINA SCHMIDT FERRÃO

**DESDOBRAMENTOS DA PERSONAGEM PROSTITUTA: A GUARÁ SUBJETIVA E
O PALIMPSESTO DE ESTEREÓTIPOS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção
do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da
Escola de Humanidades – Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovado em: ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena – PUCRS

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza – PUCRS

Prof. Dr. Carlos Gerbase - PUCRS

Porto Alegre
2018

Dedico esta dissertação a todas as trabalhadoras sexuais, que suas vozes ecoem por todos os lados, submergindo das águas escuras e abismais dos estigmas.

AGRADECIMENTOS

Aos Orixás. Entre eles: Esú, por ter aberto meus caminhos, Alupo, senhor das chaves. Ogum por ter me feito vitoriosa, Ogunhê, senhor da guerra. Xangô, por ter me dado equilíbrio, misericórdia e voz, Kaô, rei da minha feitura, senhor da coroa. Xapanã, por ter me fortalecido e protegido com suas palhas, Abao, rei do Jêje. Oxum, por me cobrir de brilho e prosperidade, o sangue que corre nas minhas veias é feito do seu ouro, Yêyê, minha yabá, senhora das cachoeiras. Yemanjá, por ter sustentado minha mente com a firmeza das âncoras, Omio, rainha do mar. Oxalá, por assumir em Orum a árdua tarefa de guiar esses errantes passos, essa vida que pulsa sob seu alá, Epa-ô, senhor do meu Ori, soberano do céu, toda criação te saúda.

Aos meus pais incríveis, Lúcia e Miguel – que sempre priorizam meu ensino – pelo apoio incondicional, por todo o suporte emocional e financeiro para que eu pudesse seguir essa trajetória acadêmica. Agradecimentos infinitos ainda seriam insuficientes para contemplar toda ajuda e amor que já recebi, não houve sequer um obstáculo ou alegria em que não estivessem ao meu lado. Devo tudo, tudo, e o que mais existir nesse mundo ou em outro, a eles.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena, por impulsionar minha pesquisa por caminhos lindos, loucos e criativos. Sou grata por ter me acolhido e me permitido. Registro aqui meu agradecimento por toda inspiração e apoio.

Aos meus amados familiares, por terem acreditado em mim em todas as etapas; à memória dos meus avôs Leopoldo, de quem herdei a eloquência, e Jaime, às minhas avós, Almedorina e Maria, pelo carinho e ancestralidade, ao meu dindo, César, pelo incentivo e afeto, à minha prima, Tassi e ao meu irmão, Douglas, às minhas segundas mães, dindas Gil e Cris, pelo refúgio e amor, por terem me feito acreditar em histórias e imaginação. Ao meu namorado, Rafael, por toda compreensão e encorajamento, pelas noites de luzes acesas e digitações de auxílio. Aos amigos que compartilharam comigo momentos tão importantes, tanta luta e frustração; ao Matheus, meu companheiro de eventos, pseudo co-orientador, à Bruna, sempre disposta a abraços e dúvidas, à Vika, parceira de diálogos incansáveis, à Iohana, meu orgulho, minha irmã. Há mais nomes queridos: Patrícia, Ana's, Michel, Rayza. Por último, mas não menos importante, à CAPES, pelo auxílio imprescindível para custear as mensalidades, sem o qual tudo seria muito mais difícil, se não inviável.

Eu tinha uma visão da prostituição que me foi imposta, foi o que eu percebi, mas não era a visão que eu vivi na prática, daquelas pessoas que me abriram as portas. Cada vez que eu me recusava a dizer que era prostituta e, no lugar, dizia profissional liberal ou autônoma, aí sim eu me sentia uma farsa.

(Indianara Siqueira, prostituta)

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as obras de Maria Valéria Rezende e Elvira Vigna, *O voo da guará vermelha* e *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, respectivamente, que irão abordar o tema da prostituição de diferentes maneiras, mas com fins semelhantes. O foco se constitui no processo de construção do "eu" da personagem prostituta e as características da narrativa que corroboram com o desenvolvimento da identidade. Ao decorrer do texto serão averiguados variados aspectos que contribuem para uma representação literária pautada no estereótipo, questões essas que envolvem o corpo feminino, a transformação em mercadoria e demais rótulos imputados as trabalhadoras sexuais, indivíduos pouco célebres do submundo erótico. A participação da subjetividade na composição dessa personagem também será verificada, posto que se vale de recursos como a memória e a narrativa intimista para imergir no "eu" dessas mulheres, tentando reaver o protagonismo da prostituta, figura estigmatizada tanto na sociedade quanto na literatura, e seu reconhecimento como sujeito.

Palavras-chave: Prostituição. Estereótipo. Mulher. Subjetividade.

RESUMEN

Este estudio pretende analizar las obras de Maria Valéria Rezende y Elvira Vigna, *O voo da guará vermelha* y *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, respectivamente, que abordan el tema de la prostitución de diferentes maneras, pero con fines similares. El foco se constituye en el proceso de construcción del "yo" del personaje prostituta y las características de la narrativa que corroboran con el desarrollo de la identidad. En el transcurso del texto se investigarán variados aspectos que contribuyen a una representación literaria pautada en el estereotipo, cuestiones que involucran el cuerpo femenino, la transformación en mercancía y demás etiquetas imputadas a las trabajadoras sexuales, individuos poco célebres del submundo erótico. La participación de la subjetividad en la composición de ese personaje también será verificada, puesto que se vale de recursos como la memoria y la narrativa íntima para sumergirse en el "yo" de esas mujeres, intentando recuperar el protagonismo de la prostituta, figura estigmatizada tanto en la sociedad como en la literatura, y su reconocimiento como sujeto.

Palabras-clave: Prostitución. Estereotipo. Mujer. Subjetividad.

| | |
|---|-----------|
| 1. Introdução..... | 10 |
| 2. Strip-tease: o desvelar teórico da prostituta | 16 |
| 2.1 <i>Allium cepa</i> : o estereótipo da prostituta | 20 |
| 2.2. 69 da subjetividade: invertendo o estereótipo | 29 |
| 3. Swing: interseções na análise do palimpsesto de putas | 35 |
| 4. Ménage à trois: o estereótipo, a subjetividade e a guará..... | 45 |
| 5. Relatório sobre o anúncio no Jornal | 58 |
| 6. Conclusão | 65 |
| Referências | 84 |
| ANEXO A - entrevista com Monique Prada..... | 87 |

1. Introdução

É fato que, neste ano de 2017, estamos vivenciando um retrocesso brutal, dias sombrios para todos, principalmente para os marginalizados. Neste contexto, esta dissertação é também um ato de resistência, já que procura reivindicar direitos em um tempo em que eles estão sendo perdidos. As prostitutas, protagonistas dessa análise, sequer chegaram a ganhar o que está sendo tirado. Esta pesquisa que tenta propiciar espaço para que vozes negligenciadas surjam é concebida em um tempo de silenciamento voraz. As vozes das trabalhadoras sexuais muitas vezes são renegadas por algumas vertentes mais radicais do feminismo. Focada no sujeito, indo contra essa devastadora onda de objetificação cruel, a dissertação nasce em terreno temporal infértil, e por isso mesmo é absolutamente necessária. Trazer aqui as palavras de Butler quando ela foi escorraçada do país é uma declaração ideológica.

Como dizem os versos de Wislawa Szymborska, "Todas as coisas – minhas, tuas, nossas, coisas de cada dia, de cada noite são coisas políticas", essa pesquisa também o é; pelos caminhos da literatura clamando uma voz, um espaço que possa conter uma mínima dignidade e respeito para com o outro retratado; pelos caminhos ideológicos e pelo posicionamento político apoiando a aquisição de direitos e, novamente e sempre, o respeito pela fala do outro. Caminhos divididos, mas que se entrecruzam, considerando que:

A mulher representada na literatura, entrando num circuito, produzindo efeitos de literatura, muitas vezes acaba por se tornar um estereótipo que circula como verdade feminina. Presa de representações viris, a mulher pode se alienar nelas, conformando-se em ajustar-se a esses estereótipos, pois a ideologia das representações confunde significante e significado e busca estabelecer uma continuidade do signo com a realidade. (BRANDÃO, 2006, p. 55)

É importante esclarecer que esse não é um trabalho contra a prostituição, que visa criminalizá-la ou vitimizá-la. Szymborska garante: "Queiras ou não queiras" ainda sim somos envolvidos de atos políticos. Embora eu, de fato, queira que essa visão fique clara ao decorrer das páginas da presente dissertação. Portanto, seguindo pelo viés que aqui me cabe, ainda que o emudecimento literário seja o não-eco da força-silêncio emitida lá fora, nos outros campos – social e ideológico – é por ele que me pauto para estabelecer a análise que virá.

A representação literária tem o poder de reforçar ou romper com os estereótipos sociais – salvas as ocasiões em que as reproduções de estigmas constituem estratégias narrativas para críticas e denúncias – a construção da personagem implicará no reflexo de um determinado discurso, pois como afirma Dalcastagnè (2010, p. 42), "O termo chave, nesse conjunto de discussões, é "representação", que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e

sociais". Essa questão apresenta-se de maneira fundamental, levando em consideração o histórico de representação dos indivíduos que se encontram à margem do homem, que não pertencem ao hegemônico, e que, de alguma forma, estão excluídos, segundo Dalcastagnè (2010, p. 42):

O silêncio dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por gênero, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério – é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome desses grupos.

Sendo assim, a representação literária, quando opta por absorver os rótulos sociais, negando-se a oportunizar uma forma de alteridade, irá repercutir e retroalimentar os estigmas sociais. Contudo, não falo aqui de uma literatura ativista e sim de reconhecer que o outro é também dotado de subjetividade, isso não é um protesto, é um direito. Já de antemão defendendo-me das possíveis acusações de "panfletarismo", trago os conceitos de Adorno, explicados por Lastória, Pucci e Zuin (2015, p. 73):

A obra de arte moderna enquanto crítica das contradições da sociedade: essa é uma de suas características fundamentais para o pensador frankfurtiano; pela sua própria existência a obra de arte se apresenta como uma crítica da sociedade; ela se mantém viva, através de sua força de resistência; se perder essa força se torna uma mercadoria como qualquer outra.

Surge, no entanto, o questionamento acerca da literatura produzida por esses próprios grupos mencionados. É preciso assumir sua validade e seu local de fala, porém, a preocupação com a representação que parte do outro persiste, por vários fatores, sendo um deles a já existente legitimação de certos espaços e discursos, que poderiam e deveriam agir como meios de acesso e não como portas fechadas, pois,

Ao se impor um discurso, é comum que a legitimação se dê a partir da justificativa do maior esclarecimento, maior competência, e até maior eficácia social por parte daquele que fala. Ao outro, nesse caso, resta calar. Se seu modo de dizer não serve, sua experiência tampouco tem algum valor. Trata-se de um processo que está ancorado em disposições estruturais; segundo Michel Foucault, "em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por papel conjurar seus poderes e seus perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade". (DALCASTAGNÈ, 2010, p. 42)

Portanto, tratarei aqui especificamente da representação feita pelo hegemônico – jamais desmerecendo a produção própria e infinitamente rica dos integrantes dos grupos marginalizados – afinal ela cumpre também um papel essencial:

Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais, como as mulheres (e também negros, indígenas ou trabalhadores), desaparecem dentro de uma expressão artística que se fundaria exatamente na busca por uma pluralidade de perspectivas. (DALCASTAGNÈ, 2010, p. 42)

Assume-se, então, que o ato de retratar o outro, independente do meio, carrega grande responsabilidade e compromisso com o indivíduo, dado, inclusive, o sentido identitário da representação. Logo, minha motivação apoia-se na ideia de analisar, em primeiro plano, o estereótipo da prostituta e como a literatura apropria-se do seu modelo nas representações dessa figura emblemática, não com a intenção de condenar qualquer prática narrativa, mas de refletir sobre a construção dessa personagem e – na mais assumida das utopias – buscar uma ressignificação necessária para inserir uma representação ética que manifeste a individualidade:

Stuart Hall enfatiza o papel da representação como prática de significação postulando que a formação de estereótipos estaria intimamente ligada a ela, se sustentando em estratégias tais quais de essencialização e de naturalização (1997, p. 277). Já uma estratégia para combater estereótipos do corpo racializado, assim também como de outros, seria por meio de re-significação desta mesma representação. Portanto, interessante não seria o evitar representações já estereotipadas, mas ao contrário levar estas representações para um primeiro plano com o objetivo de, à luz de Liv Sovik, "fazer com que os estereótipos trabalhem contra si mesmos" (MORAIS, 2011, p. 327)

Na segunda etapa, a pesquisa irá abordar os recursos e manifestações de uma representação subjetiva, como ela é construída, como humaniza as personagens e se opõe intrinsecamente ao estereótipo. Afinal, o estereótipo é a alteridade limitada e fixa, o que, obviamente impossibilita um desvelar mais profundo devido ao seu caráter restrito, já que as identidades são fluidas, contraditórias e amplas, como classifica Hall (2004, p. 38), "a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento", ou seja, ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada", posto isso, o estereótipo nunca será capaz de abordar – e não é sua intenção – a subjetividade e a identidade do indivíduo.

Para aplicar a análise serão utilizados dois romances: *O vôo da guará vermelha* (2014), de Maria Valéria Rezende e *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), de Elvira Vigna. De acordo com Dalcastagnè (2010, p. 40), "a narrativa contemporânea é um campo especialmente fértil para se analisar o problema da representação (como um todo) das mulheres no Brasil de hoje", questão que justifica, parcialmente, a escolha dessas obras.

A autoria é outro ponto importante, posto que se tratam de duas escritoras consagradas, a opção pela escrita de mulheres parte do princípio que "personagens femininas retratadas por homens apresentam o feminino idealizado, alienado e incompleto" (Branco; Brandão, 2004, p. 12), ou seja, já iniciá-íamos em desvantagem, novamente privilegiando vozes alheias. O propósito é, portanto, estar o mais distante possível de representações

contaminadas por uma visão falocentrista, mais passíveis de sucumbir ao cerceamento e escassez do ser, posto que "A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível" (Branco; Brandão, 2004, p. 11).

Conceituaremos o estereótipo para possibilitar sua localização na narrativa e averiguar sua atuação em ambos os textos. Não obstante, Rezende e Vigna irão se apropriar e explorar esses aspectos de formas diferentes. A primeira apresentando os estigmas para derrubá-los com a predominância da subjetividade, expondo-os para anulá-los em prol de concepções intimistas, usando memória e individualidade para tecer tanto a personalidade, como os sonhos e medos da personagem prostituta. A segunda, por sua vez, por intermédio do seu rol de prostitutas, ou, do seu palimpsesto de putas, empregará uma exposição crua e sucessiva de estereótipos, em um modelo mais denunciativo, que exprime para propiciar reflexão.

Mas nem só a teoria sustenta este trabalho e um limiar entre escrita criativa e teoria literária é traçado, elas ficaram lado a lado. Aproprio-me da ficção com inúmeros objetivos, entre eles: tentar exercitar a alteridade que prego e busco, mergulhando no universo que escolhi investigar; averiguar o poder e o alcance do estereótipo, assim como suas manifestações; abordar a subjetividade de todas as mulheres que aparecem ao longo desse trabalho, incluindo a mim mesma – ideias aparentemente pretensiosas, porém não passam de tentativas. Portanto, desenvolvi três etapas ficcionais, diferenciadas pela letra em itálico, o fragmentado Diário de L.L., o conjunto de textos que elaborei para cada anúncio retirado da internet e o anúncio de prostituição de Lori Lamby.

Seguimos então, nas encruzilhadas das representações, entre mulheres e prostitutas, entre subjetividade e estereótipo, entre literatura e vida, entre uma guará subjetiva e um palimpsesto de estereótipos.

Diário L.L. "O despertar..."

Meus dias como Lori Lamby começaram repentinamente. Eu não sabia que um dia eu a criaria. Para ser sincera ainda não sei se ela é realmente uma personagem inventada ou um pedacinho da alteridade que eu quis ser/fazer.

Mesmo sendo tão fugaz a existência da Lori, ela eu nós, assim mesmo, sem nenhuma pontuação, aprendemos algo.

*Eu lembro exatamente do dia em que ele me disse para "pirar",
ou foi "surtar"?*

Parece que não lembro tão bem assim.

Deve ter sido "pirar".

Apesar da pressão da proposta, foi um alívio. Aquele que as pessoas que estão se afogando sentem ao respirar por meros instantes. Eu passei muito tempo tentando não ser eu mesma, ou uma versão de mim um pouco mais pisciniana, talvez. Então quando ele autorizou/incentivou a minha possível loucura, foi o que eu senti: alívio.

Enquanto nós olhávamos os anúncios que eu pesquisei, ele disse:

Faz um, diferente.

Foi isso? Agora eu entendo a autoficção. Não consigo lembrar de detalhes de um diálogo do início desse ano. Cheguei a conclusão que não existe realidade, tudo é ficção.

Ele disse algo assim, entende? Não com essas palavras exatamente. Eu levei como uma brincadeira, faço, claro, ninguém vai ligar.

Quem iria se interessar por um anúncio de prostituição sem sexo, sem corpo, sem promessa infinitas de prazer. Eram só palavras jogadas, ninguém ia entrar em contato. Ainda sim, achei válido, minha ideia era que isso provaria que o estereótipo dos anúncios alimentava a procura, era necessário, um estigma imposto às prostitutas que elas acabavam usando como ferramenta de trabalho.

Despreocupadamente, amparada na minha inabalável certeza de que esse anúncio com termos literários e figuras de linguagem estava fadado ao fracasso, eu segui adiante. Elaborei um texto bem curtinho, por causa do dinheiro, evidentemente, precisava ser algo

que coubesse no meu orçamento de bolsista parcial. Com um nome, um chip comprado na Claro e três provocativas linhas a Lori nasceu.

Por já ter sido inúmeras vezes acusada de falta de clareza, vou ressaltar o óbvio, a minha Lori recebeu esse nome inspirado na obra de Hilda Hist, embora a dela e a minha não tenham muitos pontos em comum. Era um nome literário e erótico e eu quis.

O saco desses trabalhos acadêmicos é que tudo tem que ser justificado. Muito do que está aqui, do que eu fiz, só teve um motivo: eu quis. Não é que eu não possa inventar razões nobres, amplamente embasadas em teorias famosas, em filósofos clássicos e contemporâneos, longos e bem argumentados porquê que farão suspirar os mais ferrenhos positivistas. Posso. É apenas mais uma ficção no meio desses textos supostamente puramente teóricos. Porém, a grande e vergonhosa verdade que todos tentam esconder é que tudo, absolutamente tudo, inicia e é impulsionado pelo querer.

Depois, sim, as conexões são feitas. Nosso cérebro começa a arquitetar e estabelecer as ligações entre o nosso interesse genuíno e o conhecimento. O saber existe para ajudar a vontade a acontecer, a ser, a se concretizar. A resistir.

Primeiro o instinto, depois o intelecto. Mas ninguém admite, estamos sempre tentando ser mais racionais que emocionais, como se isso fosse a nossa maior falha.

Eu, que na arrogância da minha posição de leitora, condeno a prolixidade de algumas obras contemporâneas, estou aqui, sendo a mais prolixa das narradoras. Voltemos.

Assim (leia alguns parágrafos acima) surgiu a Lori Lamby. Para mim ela nasceu no desenvolvimento do seu anúncio, embora só tenha criado vida no dia da publicação. Como um Frankenstein adormecido, esperando pelos choques.

2. *Strip-tease*: o desvelar teórico da prostituta

Partindo da afirmação irrefutável de Dalcastagnè (2010, p. 42) de que "Um dos sentidos de 'representar' é, exatamente, falar em nome do outro" chegamos ao que considero o âmago da questão da representação literária que envolve a prostituição feminina, considerando que "Falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente autoritário – e o primeiro adjetivo não exclui necessariamente o segundo" (2010, p. 42). É nesse exato ponto – em que o autor de uma obra, falando por e de um indivíduo outro, valendo-se de sua autoridade – que surge a criação de uma figura estereotipada.

A contribuição linguística de Koch (2007) nos garante que nenhum discurso é neutro, portanto até mesmo a elaboração de uma personagem estará carregada da ideologia de quem a produz, e o estereótipo, por sua vez, nada mais é que um rótulo baseado em uma visão limitadora que terceiros constroem sobre um sujeito. Segundo Bhabha (2013, p. 134), "Os sujeitos do discurso são construídos dentro de um aparato de poder que contém, nos dois sentidos da palavra, um "outro" saber – um saber que é retido e fetichista e circula através do discurso colonial como aquela forma limitada de alteridade que denominei estereótipo". Nesse sentido, o estereótipo da prostituta é construído através desse "outro saber", um saber que ignora a realidade do próprio indivíduo:

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2013, p. 130)

A fixidez do estereótipo não permite que seja abordada a complexidade da subjetividade, muito menos as nuances da sua identidade, já que de acordo com Hall (2004) ela está em um processo ininterrupto de reestruturação. Dessa forma, o estereótipo estabelece representações e elas são disseminadas como verdades,

O processo pelo qual o "mascaramento" metafórico é inscrito em uma falta, que deve então ser ocultada, dá ao estereótipo sua fixidez e sua qualidade fantasmática – sempre as mesmas histórias sobre a animalidade do negro, a inescrutabilidade do cule ou a estupidez do irlandês têm de ser contadas (compulsivamente) repetidamente, e são gratificantes e aterrorizantes de modo diferente de cada vez. (BHABHA, 2013, p. 134)

O estereótipo da prostituta seguirá a mesma lógica, repetindo "mitos" instituídos, uma figura consagrada pela sua constante reprodução, que se perpetua inclusive pelos próprios integrantes do grupo marginalizado, através do poder da violência simbólica:

A violência simbólica reside: Nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. (BOURDIEUR, 2017, p. 64)

O rótulo que recai sobre a prostituta é muito forte, tendo sido construído historicamente, mas não apenas por ser uma figura marginal e estar sob efeito constante da violência simbólica, mas também por fundamentar-se em outro estereótipo igualmente arraigado, o da mulher, que inclui tudo que se refere ao feminino, de forma geral, como elucidada Bourdieu (2017, p. 32):

É, evidentemente, porque a vagina continua sendo constituída como fetiche e tratada como sagrada, segredo e tabu, e porque o comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum quanto no Direito, os quais literalmente excluem que as mulheres possam escolher dedicar-se à prostituição como a um trabalho.

Muitas das características estereotipadas que são atribuídas à representação da prostituição pertencem primeiramente à figura da mulher e, obviamente, intensificam-se na prostituta, conforme Bhabha (2013, p. 134) elucidada "Como forma de crença dividida e múltipla, o estereótipo requer, para uma significação bem sucedida, uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos". Para garantir sua repercussão, fatores diversos são aglomerados ao construir uma imagem fixa, negando assim qualquer particularidade, o que corrobora na constituição de uma figura nula, oca, recheada de vazios.

Como explica Bhabha (2013, p. 133), "Como a fase do espelho, 'a completude' do estereótipo – sua imagem enquanto identidade – está sempre ameaçada pela 'falta' ", por isso a representação da prostituta, sob o viés da estereotipia, é realizada de forma fragmentada, sempre incompleta, pois ignora outras faces da personalidade. Por isso Bhabha (2013, p. 140) declara que "O estereótipo é ao mesmo tempo um substituto e uma sombra", por que assume o local de identificação do sujeito, como verdade sobre ele, mas não se aproxima de nenhum esboço das subjetividades retratadas. Sobre essa relação do estereótipo com a prostituição, Rago (2008, p. 260) escreve que "Não interessa nessa relação a pessoa da prostituta, suas ideias, apreensões, desejos, mas uma performance que foi comprada e deve ser satisfeita", confirmando assim a rejeição da individualidade e subjetividade da trabalhadora sexual.

O ato de estereotipar não é o estabelecimento de uma falsa imagem que se torna o bode expiatório de práticas discriminatórias. É um texto muito mais ambivalente de projeção e introjeção, estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamento, sobredeterminação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes "oficiais" e fantasmáticos para construir as posicionalidades e oposicionalidades no discurso racista. (BHABHA, 2013, p. 140)

É nesse sentido que encaixa-se a ambiguidade do estereótipo, por essas argutas oscilações que sustentam sua permanência. O caráter ambivalente do estereótipo se vale de diferentes características para possuir maior eficácia.

É a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente. (BHABHA, 2013, p. 118)

Sendo assim, a prostituta assume diferentes representações que a configuram ora como *femme-fatale*, ora como simples miserável. Simultaneamente ela é desprezível e é necessária. Se por vezes ela é uma mulher indigente e asquerosa, que não possui condições de falar por si mesma, quando conveniente à perpetuação do estereótipo, ela é poderosa e sensual, é aquela que tem a habilidade de comandar os homens, portanto:

É reconhecidamente verdade que a cadeia de significação estereotípica é curiosamente misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação da crença múltipla. O negro é ao mesmo tempo selvagem (canibal) e ainda o mais obediente e digno dos servos (o que serve a comida); ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia, inocente como uma criança; ele é místico, primitivo, simplório e, todavia, o mais escolado e acabado dos mentirosos e manipulador das forças sociais. (Bhabha, 2013, p. 141)

Nessa configuração que valoriza a sexualidade da prostituta como uma espécie de dom, como fator necessário destaca-se a positivação do estereótipo. De acordo com Bhabha (2013, p. 135), "Pode-se dizer que o fetiche sexual está intimamente ligado ao 'objeto bom'; é ele o elemento do cenário que torna o objeto todo desejável e passível de ser amado, o que facilita as relações sexuais e pode até promover uma forma de felicidade", ou seja, essa seria a fração do indivíduo que serviria à algum propósito para os demais, no entanto, ainda que essa seja uma parte enaltecida, de uma forma ou de outra, o estereótipo sempre se volta para seu alvo e a valorização virá acompanhada da objetificação, como alega Rago (2008, p. 46), "Vendendo partes do seu corpo, a relação que se estabelece entre prostituta e freguês não configura uma relação entre indivíduos, mas entre objetos parciais".

Em sua pesquisa, Landowski (2012) aponta que existe na sociedade um grupo privilegiado que é responsável por determinar os padrões de interação e vivência. Ele o personificou em uma figura denominada "Sr. Todo Mundo", para conceituar as representações sociais. Nesse sentido, a nossa personagem obviamente não pertence ao grupo dominante e, como os outros marginalizados, acaba por sofrer as imposições do "Sr. Todo Mundo", que "considera como adquirida a irracionalidade (se não a perversidade intrínseca) daqueles que

pensam e agem em função de visões do mundo diferentes da sua" (LANDOWSKI, 2012, p. 6). O universo da prostituta possui outra lógica, outra maneira de ver o mundo, pois ela, por si só, possui outra maneira de existir e sobreviver, dessa forma, torna-se inerente, para a visão hegemônica, a sua devassidão, a sua imoralidade, a sua libertinagem, um ser "maligno" tanto na sua maneira de ser quanto na sua interação com a sociedade.

A prostituição foi focalizada a partir da doença, da degenerescência da raça, da loucura e animalidade das mulheres das "classes perigosas" com a construção de tipos psicofisiológicos – a prostituta, o gigolô, a cafetina – extremamente fixos, determinados pela própria estrutura óssea, base definitivamente imutável do caráter do indivíduo, ao contrário de suas paixões ou fisionomias. (RAGO, 2008, p. 192)

O estereótipo da prostituta contamina as percepções sobre ela na sociedade, tornando-a uma pária, um indivíduo a ser extirpado. Então, as prostitutas são configuradas "na construção estereotipada de sua imagem como pura negatividade e no engendramento das formas de sua exclusão social" (RAGO, 2008, p. 313), obviamente que no quesito literário o que nos preocupa não é diretamente a sua exclusão social, mas a representação realizada a partir desses estereótipos que alimentam esse ciclo, reforçando tais conceitos:

Assim, esse lugar indefinível, furo no discurso, inominável como não cessa dizer Lacan, se presta, por isso mesmo, a todas as ilusões, construções ou representações, que escondem ou revelam a qualidade de estereótipo do feminino e, no nosso caso, estereótipo literário. Como tal, a mulher entra no circuito da literatura, produzindo efeitos de leituras, faz-se ler e instaurar-se como modelo, passando por real o que é cópia de cópia, simulacro, sujeitos às ideologias e às épocas em que se produzem. (BRANDÃO, 2006, p. 51)

As consequências sociais serão apenas resultado da representação literária, evidente que não completa e unicamente responsável, mas, no mínimo, cúmplice ao substanciar esse processo de permanência do estereótipo da prostituta.

2.1 *Allium cepa*: o estereótipo da prostituta

"J'ai voulu [...] écrire ce que j'avais tu si fort, dire enfin ce qui se cachait derrière l'exigence de séduire qui ne voulait pas me lâcher et qui m'a jetée dans l'excès de la prostitution, exigence d'être ce qui est attendu par l'autre" (Nelly Arcan)

Com quantos estigmas se constrói um estereótipo? Início, através dessa versão modificada do enigma "paus/canoa", a linha de raciocínio que conduzirá este primeiro capítulo. No caso do estereótipo da prostituta, ele é composto por várias camadas, dispostas assim como as de uma cebola, cujo produto final é uma figura imaginada, que não corresponde a um sujeito.

Portanto, o estereótipo da prostituta, que passaremos a chamar de estereótipo-cebola¹, é formado por características diversas, conceito ratificado por Bhabha (2013, p. 134) ao afirmar que "como forma de crença dividida e múltipla, o estereótipo requer, para uma significação bem sucedida, uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos". As folhas escamiformes da cebola são posicionadas uma sob a outra, em estratos subsequentes, que juntas acabam por formar o bulbo, da mesma forma, os sedimentos de estigmas e rótulos, um sob o outro, formam o bulbo-puta. Questões como objetificação e dominação do corpo, mercantilização feminina, erotização acentuada e negação de subjetividade são alguns dos *catáfilos*² responsáveis pela formação completa do bulbo-puta.

É preciso salientar que o estereótipo atribuído a essa figura baseia-se, em muitos aspectos, no estereótipo da mulher e do feminino apropriando-se desses componentes de forma exacerbada. Ou seja, recaem duplamente sobre a prostituta os problemas sociais de violência simbólica e física que alcançam as mulheres. Quando Freud (1933, p. 162) afirma que "Atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar", a imagem da mulher ganha essa forma de receptáculo dos desejos, vontades e sentimentos alheios, da qual nada parte, mas que tudo recebe.

Nesse sentido, a figura da prostituta encaixa-se perfeitamente, pois a sua atividade sexual depende do desejo de outro, da necessidade de outro, sua função é ser almejada, jamais almejar. Segundo Dos Santos (2016, p. 151), "Em lugar de serem sujeitos, as mulheres são, em várias formas, o outro, uma falta misteriosa e incompreensível, assim como um signo proibido", não é senão esse o lugar que ocupam as garotas de programa no contexto real e literário, primeiro por serem mulheres e ainda por prestarem serviços sexuais. Um padrão hierárquico que parte da superioridade do homem garante a repercussão desses lugares pré-estabelecidos socialmente, no qual a mulher é desqualificada enquanto sujeito:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, e que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (BOURDIEU, 2017, p. 66)

¹ Cujo nome científico intitula este capítulo.

² Nomenclatura biológica das folhas escamiformes da cebola.

Instaurar um arquétipo ideal da imagem feminina passa por um processo extenso de silenciamento e objetificação, tornando-a apenas um reflexo da necessidade alheia, majoritariamente provinda do homem, "a idealização da mulher se faz de tal forma que é como se ela "naturalmente" coincidissem com o objeto de desejo masculino" (BRANDÃO, 2006, p. 54). Assim configurada como falta, vazio, a mulher precisa ser preenchida pela presença do homem, que irá inserir neste vácuo seu próprio desejo, necessidade e sexualidade, já que ela não deve, nem é capaz de possuir tais elementos, partindo "do conceito de feminilidade tradicionalmente percebido como um negativo do masculino, uma falta, uma falha, negativo do positivo, e não uma alteridade, um outro em si" (BRANCO E BRANDÃO, 2004, p. 51). A mulher, estabelecida como não-pessoa no cenário falocentrista, acaba por ter a única e cruel função de saciar a carência masculina, uma exigência fundamental no modelo da prostituta, afinal um indivíduo que "vende" seu corpo deve estar a mercê da vontade alheia, existirá para servir:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOUDIEUR, 2017, p. 96)

A negação da subjetividade da prostituta, assim como a da mulher, é o resultado imediato da coisificação do ser, a anulação do intelecto e do emocional, da qual é peça fundamental a objetificação do corpo feminino. O corpo, em um sentido geral, seja ele masculino ou feminino, é uma tela na qual são demarcadas questões sociais, assim como estruturas hierárquicas de poder e identificações categóricas de gênero e sexualidade, não por acaso Grosz (2000, p. 84) define que "O corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas". Quando em voga especificamente o corpo feminino, a balança pende para o lado negativo dessas inscrições.

Segundo Bhabha (2013, p. 119), "O corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder", considerando que ambas economias, do prazer/desejo e do discurso/dominação/poder são regidas e reguladas principalmente pelo comando masculino, resta à mulher receber as marcas corporais da subjugação.

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma auto-justificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas

mesmas funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado. (GROSZ, 2000, p. 67)

Dessa forma, não apenas a mulher é um ser representado pelo outro, como também seu corpo é estigmatizado e sofre uma construção friamente estratégica para retroalimentar o estereótipo, um ciclo vicioso em que ou a mulher é imperfeita pois seu corpo determina isso ou o corpo é imperfeito pois pertence à mulher. Xavier (2007, p. 132) contextualiza esse ponto a partir do cristianismo, "Com a desvalorização do corpo a mulher também foi desvalorizada; com o desprezo pelo corpo cresceu também o desprezo pela mulher", é imprescindível ressaltar que o corpo do imaginário masculino não é o corpo real, como já mencionado, ele é montado através dessas inscrições de poder e gênero para refletir concepções e expectativas de outros, como bem questiona Calligaris (2005, p. 37),

Talvez o corpo que reveste as fantasias masculinas sobre a feminilidade não seja um corpo de mulher, mas sim um corpo que podemos pensar como um hipotético corpo puramente feminino. Essas fantasias imaginam um corpo que se oferece incondicionalmente. Como se na fantasia masculina o próprio corpo de uma mulher fosse a liberdade em se oferecer ininterruptamente. Se assim fosse, a mulher seria sempre feminina, um eterno vazio, sem significação própria, pronta a se oferecer ao gozo e às fantasias dos outros.

Nesse contexto, o corpo ocupa um lugar de destaque, quando se trata da mulher espera-se que seja disponível, frágil e erotizado: "o corpo da mulher, a encarnação do desejo" (FERRO, 1997, p. 46), no caso da garota de programa isso será exaltado, pois ele é o seu meio de trabalho, e deve se tornar um corpo essencialmente submisso e sexual. Afinal, se o objetivo da mulher é servir, o da prostituta o é ainda mais, sob qualquer hipótese, o corpo é o aparelho com o qual ela irá cumprir sua função, "corpo-instrumento, a prostituta representa fundamentalmente para o freguês uma peça de produção do prazer" (RAGO, 2008, p. 259). Então esse corpo, por sua vez, também deve estar em constante disponibilidade sexual, o corpo que automaticamente se oferece, sem que nenhum ritual anterior, apenas a sua existência no mundo é uma confirmação de oferecimento, como pertinentemente elucida Ferro (1997, p. 18):

Para haver prostituição tem de haver o corpo corruptível, quase sempre o da mulher, dentro dos parâmetros da sociedade machista, pois nenhuma condição biológica poderia argumentar que o homem não é passível de prostituição. O que se define, na maioria das vezes, é que a mulher é que constitui o corpo corruptível, negociável a preços e condições variadas, o que não constitui exclusividade de espécie pelo pagamento. Acontece que se negociam empregos, projeção social, oportunidades de relacionamentos diferentes, aprovação em concursos, viagens, visita a lugares pitorescos e mais comprovadamente a compensação financeira.

Cabe então ao corpo feminino as tarefas imputadas pelo poder masculino: assegurar a subordinação da mulher, compactuar com a estrutura social falocentrista, comprovar a

superioridade do homem, proporcionar a satisfação sexual, atender às exigências estéticas, afirmar as deficiências morais e psicológicas das mulheres, repercutir e espelhar esse vazio que o homem impugna na figura do feminino. Quanto a isso Bourdieu (2017, p. 92) é taxativo: "Tudo, na gênese do habitus feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros".

Partindo do domínio do corpo feminino, duas principais ramificações irão surgir para sustentar o estereótipo-cebola: a primeira se conecta ao controle da sexualidade e a delegação da autonomia do desejo; a segunda, baseada na objetificação e negação da subjetividade, transfigura essas mulheres em mercadorias, Góis (2010, p. 124) irá mencionar essas duas formas de representação do corpo da mulher na literatura, "Romances em que o corpo feminino não passa do estereótipo da mulher brasileira sensual e sedutora aparecem em proporção aproximada dos romances em que o corpo da mulher simplesmente é minimizado ou obscurecido".

Como personagem marginal que verdadeiramente é "colocada num espaço de exclusão, num mundo que se opõe a 'boa sociedade', tendo que obedecer aos seus limites, sem tentar voltar a uma convivência à qual ela não tem mais direito" (BRANCO E BRANDÃO, 2004, p. 45), a prostituta será mercantilizada – o que ocorre essencialmente através da objetificação do seu corpo, mas também por meio do menosprezo e desmoralização de sua identidade – como consequência natural e óbvia do seu ofício, ela é "o retrato de uma mulher despersonalizada, porque há muito se tornou mercadoria, um bem de consumo" (RIBEIRO, 1980, p. 41). No entanto, ainda pior que a crença de que esse seja um percurso intrínseco da trabalhadora sexual, que inevitavelmente ela irá sofrer essa transmutação em "exclusivo objeto de sexualidade" (BRANCO E BRANDÃO, 2004, p. 45), é a ideia de que a ela mesma, prostituta, é a causadora desse "fenômeno", que, na verdade, nada mais é do que uma das faces do estereótipo com o qual é rotulada. Nesse sentido, o porta voz de tal absurdo é Kant (*apud* Nahra, 2016, p. 72):

Se a pessoa permite ser usada, por lucro, como um objetivo para satisfazer o impulso sexual de outro, se ela torna ela própria o objeto do desejo de outro, então ela está dispondo dela própria, como uma coisa, e portanto torna ela mesma uma coisa pela qual o outro satisfaz seu apetite, exatamente como a fome é satisfeita com um pedaço de bife. Desde que o impulso do outro é dirigido para o sexo e não para a humanidade, é óbvio que a pessoa está em parte renunciando sua humanidade, e portanto está em risco em relação aos fins da moralidade. Seres humanos não tem o direito, portanto, de entregarem-se a si próprios por lucro, como coisas para serem

usadas pelos outros ao satisfazerem seus impulsos sexuais, porque nesse caso sua humanidade corre o risco de ser usada por todos como uma coisa, um instrumento para satisfação da inclinação. Esse método de satisfazer o impulso sexual é vaga libido (luxúria indiscriminada) no qual o impulso sexual é satisfeito por lucro e pode ser levado a cabo por ambos os sexos. Nada mais vil do que ganhar dinheiro para entregar-se ao outro, e alugar-se a si próprio. O fundamento moral para que assim seja é que o homem não é proprietário de si próprio e não pode fazer tudo que lhe agrada com seu corpo. Porque desde que o corpo pertence ao eu, ele constitui-se, em conjunção com isso, numa pessoa, mas não se pode fazer de uma pessoa uma coisa, embora seja isto o que acontece na vaga libido. Portanto, esse método de satisfazer o impulso sexual não é aprovado pela moralidade.

Nahra (2016, p. 79), explicando a concepção de Kant, afirma que a prostituição por si só acarreta na anulação da humanidade, é uma "indicação de uma propensão ao mal na natureza humana", culpada pela perversão da sociedade, "Claramente, na prostituição as pessoas não estão preocupadas com as outras como seres racionais. Elas estão interessadas apenas em sexo e então a humanidade está sendo tratada por ambos (a prostituta e o cliente) como meios e não como fins". Não obstante, essa situação é uma contribuição do patriarcado que, numa espécie de maldição de Midas, transforma em objeto tudo que se refere ao feminino, segundo Nahra (2016, p. 74), "Kant argumenta que a prostituição necessariamente envolve tratar o parceiro como uma não pessoa", esse aspecto é um legado da cultura machista na qual estamos todos inseridos, que exclui a sexualidade da mulher de qualquer subjetividade, como bem salienta Dos Santos (2016, p. 147), "Mulheres são sempre censuradas pela heteronomia patriarcal", essa que muitas vezes, corrobora na redução das mulheres a mero objeto de utilização pornográfica", ou seja, as prostitutas exercem uma profissão de venda sexual, não do comércio de si mesmas como indivíduos. Ferro (1997, p. 18) atesta: "Quem se prostitui, de uma maneira ou de outra, deixa de ser dono de si mesmo", ainda que através do casamento e da relação paternal a mulher tenha também um proprietário masculino, ao que parece muitos são os recursos que ocasionam a perda da autonomia – tão frágil e quebradiça – da mulher, seja um trabalho, uma união, uma relação sexual consentida ou até mesmo o nascimento. Uma das raízes dessa problemática do trabalho sexual é que para a sociedade é inaceitável que se cobre do homem por aquilo que ele deveria ter sem custos, como elucidada Despentès (2016, p.47):

Fazer o que não se deve: pedir dinheiro por aquilo que deveria ser gratuito. A decisão não pertence à mulher adulta, o coletivo impõe suas leis. As prostitutas constituem o único proletariado cuja condição tanto comove a burguesia. A um ponto que frequentemente as mulheres a quem nunca faltou nada são convencidas desta evidência: a prostituição não deveria ser legalizada. Os tipos de trabalhos que as mulheres pobres exercem, os salários miseráveis pelos quais vendem seu tempo, isso não interessa a ninguém.

Ao contrário de qualquer outra profissão, considerando que todas envolvem o oferecimento de alguma força de trabalho, a prostituta é vista como "vendedora e mercadoria simultaneamente" (Rago, 2008, p. 43). Embora nenhuma cláusula de compra e venda seja assinada no ato do trabalho sexual, ainda assim o estigma de mercadoria recai sobre a garota de programa:

Desde que se torne objeto com preço, pertence-se naturalmente a quem o adquirir pela compra. Passando a mercadoria de compra e venda, há a renúncia ao próprio destino, à penetração no alheio, locomovendo-se para um campo que não o seu, tendo dispersada toda sua personalidade, um conjunto de predicados que constituem a integridade do ser. (FERRO, 1997, p. 18)

O corpo da mulher tem, ainda, suas funções no universo do desejo masculino, e elas são múltiplas e contraditórias, afinal "A mulher é incessantemente convocada a confirmar a legitimidade da sexualidade que a toma como objeto" (MAINGUENEAU, 2010, p. 65). Ao mesmo tempo em que é utilizado como controle da sexualidade feminina, o corpo é também fortemente erotizado, transfigurando-se em instrumento de satisfação do homem, como declara Ferro (1997, p. 53): "No desejo da carne o homem é voltado para o corpo da mulher, que poderia saciar-lhe a fome, na conotação do apetite sexual".

Mesmo sendo peça fundamental e insubstituível no fomento da excitação masculina, o corpo feminino tem qualquer forma de autonomia inviabilizada, ele serve para ser desejado, para suprir apenas o outro, pois a submissão é exigida também no campo sexual, "No território do desejo ela deve continuar a representar o papel do corpo passivo, a menos quando se trata de estimular o desejo masculino" (Borges, 2016, p. 183). Brandão (2006, p. 171) introduz uma interessante analogia em suas pesquisas sobre a condição da mulher na sociedade e na literatura, associando ao princípio narcísico essa ordem masculina que faz da mulher o holograma do desejo do homem:

A representação literária do feminino, como objeto de amor narcísico, é reflexo caracterizado pela imobilidade e fixidez, pois o alvo do olhar de Narciso recai num espaço restrito, onde a sombra amada não pode estremecer, para não se deformar. Nesse lugar emoldurado e delimitado, a mulher se constitui como personagem e como fantasma masculino, coincidindo sua face com a face que a contempla, jubilarmente.

Consequentemente um mero objeto espelhado, no qual o único prazer é proporcionar prazer, como também explica Figueiredo (2013, p. 104):

A passividade na busca do seu próprio prazer, associada com uma atividade sexual frenética, são elementos que, de uma maneira ou outra, aparecem em muitos textos femininos, como se o prazer da mulher consistisse em dar prazer ao homem. Ou ainda: por mais permissiva e avançada que a mulher se mostre na narrativa contemporânea, ela continua sendo (se vendo como) mero objeto do desejo do outro. Claire, uma personagem de *Virginie Despentès*, afirma que as mulheres casadas, "normais" como ela, gostavam dos momentos de sexo, gostavam de sentir que o homem tinha prazer e que esse prazer passava por elas. Isso seria, segundo ela, o

verdadeiro gozo feminino. Só as mulheres doentes, as ninfomaníacas, buscariam o orgasmo (Despentes: 2010, 90).

Deste modo, percebe-se que a sexualidade feminina só é autorizada e válida quando para realizar as aspirações masculinas, do contrário ela é condenável e deve ser reprimida, como parte dos requisitos para alcançar o modelo do feminino ideal, configurando-se então em "uma sensualidade torturada, carregada de culpas e desculpas, de arrojados e recolhimentos" (Branco e Brandão, 2004, p. 112). Todos os componentes que formam essa figura estereotipada da mulher e da prostituta, desembocam no mesmo resultado: uma total insuficiência e dependência, "a mulher é, portanto, aquela que não possui controle sobre os próprios desejos, a que não possui o domínio de si" (Branco e Brandão, 2004, p. 156).

O desejo da mulher, de um modo geral, é secundário, isso quando não é reprimido, como ilustra Chauí (1991, p. 99), "a repressão da sexualidade se realiza através do controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino". Essa estrutura hierárquica, que regulariza também o desejo e o sexo, acaba por garantir o extermínio de qualquer forma de emancipação feminina, observando que:

Princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque esse princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEUR, 2017, p. 38)

No que se refere à prostituição especificamente, há uma dilatação no âmbito do desejo subjugado, porquanto essa mulher é destituída de qualquer comando sobre sua sexualidade, seu corpo é disponível e seu sexo é seu único valor perante o homem, já que no que diz respeito à garota de programa: "O desejo de um homem por uma mulher não é dirigido a ela como um ser humano; ao contrário, a humanidade da mulher não concerne a ele, e o único objeto do seu desejo é o sexo" (Kant *apud* Naha, 2016, p. 79).

Outro aspecto que se relaciona exclusivamente ao campo do trabalho sexual – outro *catáfilo* do estereótipo-cebola – e que também perpetua essa linha de raciocínio limitador, que insiste em restringir a subjetividade da trabalhadora sexual em todos os circuitos, é o conceito que sentencia o futuro dessas mulheres à inexistência total, "Ocorre na prostituição, uma desistência de futuro, do futuro de si mesma" (Ferro, 1997, p. 99).

Como visto, os estereótipos são fixos e passam a definir os indivíduos através de conceitos deturpados, logo a venda do sexo não é algo que a prostituta faz, um serviço que presta, mas sim algo que ela é, um rótulo irremovível, que ganha o poder de classificá-la, ela passa de sujeito de uma ação (*o serviço que presta*) para a condição de *objeto*. Sendo assim, a

mulher estará fadada à prostituição, todas as suas escolhas estarão afundadas para sempre, ela jamais terá outro caminho, ainda que queira, não há "recuperação" para este tipo de mulher, já condenada no âmbito social, "mesmo fugindo muito longe durante toda uma vida, nada nos fará esquecer a devastação do que uniu uma puta a seu cliente, nada a fará esquecer essa loucura" (Arcan *apud* Figueiredo, 2013, p. 108).

Tão arraigada é essa ideia e o preconceito que ela acarreta, que muitas vezes até mesmo a profissional do sexo acaba incorporando o discurso fatalista, o do "caminho sem volta" (Figueiredo, 2013, p. 108), isso nada mais é que o resultado da violência simbólica e dos processos de inscrição corporal aos quais estão submetidas. A crença discriminatória é reproduzida na fala de Ana Deusqueira, personagem da obra de Mia Couto, *O último voo do flamingo*:

Para dizer uma coisa, o seguinte: o senhor, num próximo tempo, vai deixar de ser ministro. Transitará para ex-ministro. Mas eu não transitarei nunca. Uma puta nunca é "ex". Há ex-enfermeira, há ex-ministro...só não existe ex-prostituta. A putice é condenação eterna, uma mancha que não se lava nunca mais. (COUTO, 2005, p. 82)

Apesar de toda degradação imposta às prostitutas, a sociedade, não satisfeita em rechaçá-las e discriminalizá-las, usa-as como ferramenta quando do seu interesse, empregando a prostituição como uma engrenagem social, um mal necessário. Nessa lógica, a prostituta atua de duas maneiras: primeiro como utensílio para alívio dos instintos masculinos, sendo designadas como receptáculo para "a liberação das fantasias sexuais, para o desfrute do prazer, para a "descarga" das energias libidinais masculinas" (Rago, 2008, p. 46), evitando assim que mulheres "normais" sejam assediadas, como uma espécie de ancoradouro da sexualidade irrefreável do homem, "partindo-se da admissão fatalista de que o homem é bestial e não pode nem deve dominar seus instintos, chega-se à necessidade de que alguém seja jogado à arena para servir de pasto aos leões" (Booth *apud* Ferro, 1997, p. 49), ela age portanto como escudo a proteger a castidade das demais:

Por esse ângulo, as prostitutas assumiam a tarefa de cinturão de carne humana, como que uma proteção a quem não podia ser atingida pela volúpia da prostituição. É nesse ponto que Santo Agostinho considera o comércio do amor sexual um mal necessário. Sobre este posicionamento comenta Otávio de Freitas Júnior, no capítulo Histórico e causas da prostituição, transcrevendo as palavras do Santo: "...as prostitutas e outras pestes desta natureza? Tirei da sociedade humana as prostitutas e terei manchado tudo de volúpia". (FERRO, 1997, p. 49)

Em segundo lugar, a prostituta, no estereótipo, atua como método de contenção da sexualidade feminina, um meio de inibir qualquer vontade semelhante, que possa levar à ruptura com as regras sociais ou a qualquer modelo de liberdade erótica. Segundo Calligaris (2005) há um sistema de divisão binário entre as mulheres, a prostituta e a do lar, amplamente

alimentado pela sociedade para reforçar estereótipos e estabelecer um modelo a não ser seguido, um exemplo negativo, ou seja, a "puta" passa a ser o estigma mais temido por outras mulheres:

Ao estabelecer nítidas diferenciações entre as duas figuras femininas polarizando-as, a sociedade burguesa encontrou meios para se defender da ameaça representada pela prostituta – mulher imaginariamente livre, descontrolada e irracional. Por mais independente que fosse a "mulher honesta", sua liberdade estaria sempre limitada no plano simbólico pela presença da meretriz, dimensão que não constituiu uma barreira de ação para o homem. (RAGO, 2008, p. 44)

Esses estilo, que investe na dualidade da mulher, transparece em outros esquemas que sustentam o estereótipo-cebola, como por exemplo a sistematização da imagem da *femme fatale*, a qual Nólivos (2016, p. 253) aponta como posição de "destaque" o lugar que ocupa no imaginário masculino, caracterizando a prostituta, como "perigo, sensualidade, encantamento e potência erótica, enquanto mulher ela domina o universo de representações do desejo masculino". Nesse sentido a prostituta assumirá características que positivam a sexualidade, que realçam suas "qualidades" femininas:

a *femme fatale* revela sua arte em transfigurar o próprio corpo pela magia dos artifícios, reafirmando ao mesmo tempo o destino da mulher como grande tentação, pois sua natureza está destinada a não se ausentar do corpo, enquanto o homem se dessolidariza de sua imagem corporal. (RAGO, 2008, p. 229)

Esse recurso, contudo, não passa de uma armadilha, a prostituta novamente cairá no polo obscuro e negativo, principalmente quando seu "poder" for aplicado na vida do homem, "o exemplo da *femme fatale* e sua contrapartida, o homem frágil e dominado" (Rago, 2008, p. 232), logo ele será vitimado – obviamente não a mesma vitimização que sofre a mulher, aquela que retira autonomia – como mártir masculino, inserido na perversidão por obra da persuasão feminina:

Nesse contexto, a "mulher fatal" irrompe na literatura como uma figura dotada de uma supersexualidade, noturna, má, bela, encarnando o primado do instinto sobre a razão. Ameaçadora para a sobrevivência da civilização, ela, que deseja a ruína e a castração de todos os homens pelo puro prazer da destruição, invade o imaginário de poetas, pintores, artistas, assim como dos médicos e juristas do período. É o reinado das rainhas cruéis, cortesãs de luxo e grandes pecadoras. (RAGO, 2008, p. 229)

A *femme fatale* é uma composição altamente contraditória, pois a prostituta, que em outros níveis é tachada como miserável e incapaz, passa a ser instituída como essa mulher, por vezes oposta aos demais rótulos. É nesse contexto que Rago (2008, p. 231) declara que "a prostituta recebe todos os adjetivos estigmatizantes que a tornam extremamente poderosa e mortal". Embora não seja surpresa, já que é próprio do estereótipo o processo de oscilação que garante sua ambiguidade, no caso em questão "as imagens se sucedem compondo uma figura ambígua, mas em quem prevalece o lado dominador e sádico, mesmo nos momentos

em que sua fragilidade é realçada" (Rago, 2008, p. 239), o estereótipo age estrategicamente, degradando ou valorizando especificamente as características que são necessárias para reforçar sua permanência:

Na economia da imagem da meretriz prevalecem, de modo geral, duas figuras polarizadas: a mulher fatal e a vítima. Tanto na imprensa quanto nos romances e textos científicos, essas projeções masculinas se superpõem sobre a figura da "mulher pública", ora dotando-a de enorme capacidade destruidora de sedução, ora apresentando-a como vítima de movimentos exteriores contra os quais não há possibilidades de luta. (RAGO, 2008, p. 227)

O fato é que a prostituta está condenada, dentro das representações estereotipadas, a ser sempre uma figura insólita, ou como define Melissa Gira Grant, jornalista americana e feminista, "prostituta imaginária", constituída de vários estigmas que atuam em diferentes esferas: vítima, criminosa, indigna, sensual, poderosa, incapaz. Contraditórios e limitados, todos eles possuem uma característica em comum: oprimem e anulam a subjetividade do indivíduo que é a prostituta.

2.2. 69 da subjetividade: invertendo o estereótipo

"Não me basta ter um sonho. Eu quero ser um sonho."

Ana Deusqueira

(personagem prostituta da obra de Mia Couto, "O último voo do flamingo")

É bem verdade que estereótipo e subjetividade são explorados em ambos os romances analisados, em cada qual de formas diferentes. Evidentemente os estigmas precisam vir à tona para denunciar e expor as chagas da constituição da figura central da prostituição feminina, permitindo assim a contraposição da subjetividade. Se as mulheres das narrativas acabam reproduzindo alguns estigmas que se referem à prostituição, isso se trata do resultado da força que a violência simbólica exerce sobre elas, ou seja, além de porta-vozes do estereótipo que sofrem e assistem, elas são incumbidas de delatar também esse fator.

O estereótipo, por sua vez, encarrega-se sempre de calar vozes, para que sua narrativa se sobressaia e assuma, então, o posto da identidade do sujeito. Através de recursos variados, tanto *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* quanto *O vôo da guará vermelha* possuem uma estrutura tal que possibilita que vozes geralmente tão ocultas recebam o espaço devido.

Toda nuestra vida social está mediada por la voz. Aunque en un sentido distinto nuestro ser social dependa en gran medida de la letra, habitamos en forma constante en un universo de voces. En medio del universo de las voces que gritan, susurran, acarician, amenazan, imploran, seducen, ordenan, ruegan, rezan, hipnotizan, aterrorizan, declaran e incluso silencian, hay voces que particularmente nos

interesan en sus modos de irrupción porque con ellas se instaura, efectivamente, la presencia de los cuerpos y de las necesidades ¿Hay acaso voces que no tengan cuerpo? Podríamos decir que hay voces a las que se les sustraen los cuerpos y se las invisibilizan sus necesidades, operaciones que sin dejar de pertenecer al orden teórico inevitablemente nos llevan al terreno de lo ideológico. (CONTARDI, 2013, p. 225)

Conduzir a narrativa inserindo reflexões e críticas aos estigmas atribuídos à prostituta, assim como introduzir a subjetividade constituem uma clara reivindicação de protagonismo. Há também uma proposta de alteridade, pois ela só é possível na representação que aborda a personagem como sujeito, nenhuma leitura é capaz de estabelecer identificação apenas com o estereótipo, quanto mais fixa a imagem configurada do indivíduo mais distante nos sentimos dele, portanto, "é possível pensarmos uma definição para a literatura como o espaço que cria as condições de possibilidade para que o sujeito manifeste a invenção de uma subjetividade, ou aquilo que é insuportável, ou ainda, que ele expresse artisticamente sua impossibilidade de não 'ser o que é'" (BORBA, 2006, p. 219). A construção dessas personagens dentro das obras citadas permite a elas o ato de "ser", devolvendo a humanidade insistentemente negligenciada. É o ensaio da retomada de autonomia, "La finalidad de la liberación es que los cuerpos no tengan dolor, miedo, que puedan dignificarse en el trabajo, que puedan aprender, imaginar, que puedan amar y crear, que puedan dormir en paz" (CONTARDI, 2013, p. 232).

A própria existência é uma dádiva para quem tudo é negado. As personagens ganham características e efetuam ações que contribuem para imersões identitárias, como explica Nogueira (2011, p. 203), "Estas práticas de si não são ações neutras, mas exercícios que o sujeito exercita a partir de 'ações refletidas e voluntárias' por meio das quais 'procuram se transformar, moificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos' (FOUCAULT, 1994)", assim encaixam-se as mudanças graduais e cotidianas exercidas por Irene e Mariana, duas das trabalhadoras sexuais que habitam as obras em análise.

A inversão do estereótipo é um processo complexo, que se dá por variados caminhos, é preciso dispor de diferentes recursos para cobrir o leque de acessos que culminam em uma representação estigmatizada, ou seja, se o estereótipo cerca por meio de múltiplas instâncias, garantindo sua permanência pautado na ambiguidade, para que a subjetividade se sobreponha estratégias semelhantes são necessárias. Maria Valéria Rezende abrange um tom mais intimista e portanto se vale de memória, fluxos de consciência e discurso indireto livre para trazer ao conhecimento do leitor a personalidade de sua personagem prostituta, já que a narrativa ocorre majoritariamente em terceira pessoa, "o uso do discurso indireto livre é um

procedimento que permite narrar diretamente os processos mentais da personagem, descrever sua intimidade e colocar o leitor no centro da sua subjetividade" (MELLO, 2013, p. 9).

No que se refere à memória, partimos das palavras de Candau (2014, p. 9), quando reconhece "que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo", também considerando o prisma abordado por Assmann (2011, p. 34) que ratifica esse caráter dinâmico da memória, afirmando que ela "não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias". A memória surge no texto para auxiliar essa aproximação com o passado da protagonista, expondo assim seus sonhos, medos e paixões, a história de um tempo em que ela ainda não estava marcada definitivamente como prostituta e era considerada uma pessoa, é um recurso poderoso para criar esse mergulho, considerando que a memória é, de fato, uma "força de identidade" (CANDAU, 2014, p. 17). É preciso ressaltar a importante relação estabelecida entre memória e identidade, pois:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2014, p. 19)

Segundo Butler (2015, p. 18), "O "eu" não tem história própria que não seja também a história de uma relação, ou um conjunto de relações", no processo de subjetivação das prostitutas entrará também a interação com outras personagens, na obra de Vigna as relações e as problemáticas que as envolvem são as propulsoras de várias temáticas e questionamentos, a narradora, assim como João e as demais personagens constituem entre si uma linha que desenvolve os estigmas sociais atribuídos às mulheres e às prostitutas, e, principalmente, sem a cadeia entre João/narradora/Mariana seria impossível abordar e romper com os estereótipos. No caso de Rezende, destacam-se as relações com os familiares, assim como com suas colegas de profissão e, mais importante, com Rosálio, através do qual alcançamos questões íntimas da personagem prostituta. Registramos, no entanto, a ressalva de que "Laclau argumenta que a identidade é constituída num sistema de relações, mas que ela não pode jamais ser reduzida a essas relações" (BALOCCO, 2006, p. 28).

No que se refere aos grupos marginalizados, a subjetividade é essencialmente uma forma de resistência, é a perseverança frente aos rótulos impostos a todos aqueles que formam o "Outro", como afirma Butler (2017, p.256), "A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece os próprios termos pelos quais a

identidade é articulada". Ou seja, para um sujeito cuja elaboração de sua identidade está vinculada ao estereótipo, lutar por seu reconhecimento como indivíduo é um processo de "subjetivação política" como explica Ramaglia (2011, p. 241):

De este modo, "una subjetivación política es el producto de esas líneas de fractura múltiples por las cuales individuos y redes de individuos subjetivan la distancia entre su condición de animales dotados de voz y el encuentro violento de la igualdad en el logos". La "igualdad de las inteligencias" que es, antes que nada, igualdad de seres hablantes, es el lugar desde donde emerge un nuevo concepto de subjetividad, entendida como esse principio inmanente a partir del cual es posible (re)definir la noción de sujeto.

Nesse sentido, é imprescindível subverter a ordem, ainda que o estereótipo se aproprie do corpo – uma das bases do emblema da prostituta – para empreender sua sequência de estigmas, não devemos renegá-lo em detrimento da mente e do intelecto, e sim assimilar o conceito de "sujetos-cuerpo" abordado por Roig (2002) e explicado por Contardi (2013, p. 231), "Los sujetos emergentes no buscan liberar su alma o su conciencia, sino liberarse como lo que son: sujetos concretos, empíricos, sujetos-cuerpo". O corpo então é resignificado, reapossado como parte integrante da composição do ser e não como peça de objetificação usada para o desmoronamento da subjetividade:

No se trata de una filosofía que piensa e intenta definir qué es el cuerpo, sino que piensa la irrupción del cuerpo, los mundos en que irrumpe, a través de las voces, de las marchas y de las luchas. Se trata de una filosofía que tiene al cuerpo no como objeto sino como acontecimiento, como irrupción. Tomar en serio el cuerpo que somos exige replantearnos el sentido de la ética y de la política, recién comenzamos. (CONTARDI, 2013, p. 233)

A liberdade não está em depreciar o corpo, ele que de acordo com Butler (2017) é o primeiro contorno do sujeito, pois através da negação da subjetividade o corpo se torna também abjeto, ele é, portanto, a primeira porta para a concretização do estigma, "ao contrário do objeto (aquilo que se opõe ao sujeito), o abjeto é excluído da arena de significação por não poder ser nomeado" (MONTEIRO, 2006, p. 249), a liberdade do indivíduo consiste porquanto no:

Desatamiento de los sujetos-cuerpo de situaciones de alienación, opresión, miseria y servidumbre. Las voces que emergen son formas de resistencia cultural, filosófica e ideológica que postulan um cambio, cuestionan el *establishment* e impulsan rupturas contra el autoritarismo. (CONTARDI, 2013, p. 230, grifo do autor)

É sabido que, a partir da cultura ocidental, há uma forte cisão entre a "subjetividade", associada ao prisma individual e o "político" visto apenas pela perspectiva pública. No entanto, essa bifurcação enganosa e movediça serve o propósito de discriminar os corpos já marginalizados e usá-los para permear uma identificação estereotipada, é preciso romper com esses conceitos que servem apenas para beneficiar corpos masculinos.

Diário L.L. "O processo prático"

Fiz uma lista de jornais, coloquei os que julgava serem os principais, eu queria dar a Lori a maior visibilidade possível, que ninguém dissesse que não houve ligações porque eu escondi a coitadinha nas páginas invisíveis de um jornaleco qualquer. Então comecei a entrar em contato. A ZH e o Diário Gaúcho disponibilizavam no site a estrutura para o anúncio e as informações (datas e valores), assim foi mais fácil.

Para o Correio do Povo eu tive que ligar. Estava na sala, sentada no sofá e meu pai em uma poltrona mexendo no celular. Quando perguntei para a mulher que me atendeu qual seria o valor para colocar um anúncio de prostituição, meu pai virou a cabeça em um ângulo que eu não sabia ser possível, não sei dizer o número do ângulo porque sou péssima em matemática, ou física? Enfim, exatas. Ele ficou observando pasmo e talvez pensando o que eu estava fazendo.

Eu não tinha comentado em casa sobre a minha experiência.

A mulher na ligação perguntou se era para mim, provavelmente chocada com o tom infantil que minha voz ganha ao telefone, eu respondi que sim, eu era a garota de programa.

Outro choque. Se meu pai abrisse um pouco mais os olhos eles poderiam escapar como os botões em uma calça sendo forçada por uma barriga que não cabe nela.

A mulher disse que o texto deveria ser enviado por e-mail para uma análise e posteriormente retornariam (mandei e nunca obtive resposta). Desliguei e meu pai estava esperando uma explicação. Depois de algumas frases como "não vou aparecer", "não, nenhuma foto minha", "é para o Mestrado", "sim, pai, vou ter cuidado", "nenhum risco", meus pais acharam o máximo e ficou tudo bem.

Sabe quem não achou o máximo? O pessoal do jornal O Sul. Eles não aceitaram de jeito nenhum. NENHUM. Ok.

Coloquei então na ZH, que pela data que eu escolhi redirecionou para o Diário Gaúcho, pela quantia de 56 pilinhas, um dia só e pronto. Ninguém ia ligar mesmo, era uma experiência literária.

Jornais

Zero Hora - 32139122
Site -> 56,50 (2ª feira)

Correio do povo - 32161616
Analisando p/ email
s/ vencidos

O Sul - não aceite
32182529

Diário gaúcho
p/ site 56,50

3. *Swing*: interseções na análise do palimpsesto de putas

Neste capítulo introduzo a análise da obra de Elvira Vigna, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), na qual será observada a representação da personagem prostituta. O enredo é conduzido por uma narradora, mas com a inserção de relatos de João, os dois personagens se encontram num escritório onde ficarão temporariamente. Nesse período, João passa a contar suas experiências sexuais com prostitutas para a narradora, que, ainda que não tenha vivenciado tais histórias, faz suas intervenções, definidas pela própria como "autoria espalhada" e explica, "Eu mesma virando autora. Se não de uma enxada, pelo menos das histórias de putas de um João que nunca termina de fato o que conta, e que vai ficando, ele também, cada vez mais para trás. Os detalhes, aqui, são na maioria meus" (VIGNA, 2016, p. 39).

A narrativa nos apresenta um palimpsesto, uma sucessão de estereótipos em relação à prostituição, a maioria enunciados por João, embora a narradora também manifeste alguns, demonstrando como certos estigmas são reproduzidos também por mulheres. No entanto, a presença dos estereótipos não os reforça, e sim cumpre a função denunciativa, expõe e provoca, realizando o que descreve Brandão (2006, p. 56):

A mulher representada na literatura, entrando num circuito, produzindo efeitos de literatura, muitas vezes acaba por se tornar um estereótipo que circula como verdade feminina. Presa de representações viris, a mulher pode se alienar nelas, conformando-se em ajustar-se a esses estereótipos, pois a ideologia das representações confunde significante e significado e busca estabelecer uma continuidade do signo com a realidade. Evidentemente, a *literatura pode romper com essa ideologia e as utopias que ela produz*, revelando-se como artifício, como construção na linguagem, como impossibilidade de uma verdade que preexistia ao discurso. É o que acontece com os textos da modernidade que se oferecem como textos, como jogo significante, como desconstrução do próprio sujeito-narrador e como denúncia da ficção, revelando a sua verdade de ficção, tecida com os fios fantasmáticos que se exibem como tais. (grifo meu)

O perfil de João é habilmente construído para propiciar não somente essa sequência de rótulos, essas amostras do imaginário masculino, mas também para evidenciar a fragmentação e a falta que envolvem a figura da prostituta. João, como explicitado pela narradora, conta seus casos de maneira inacabada, deixando muitas brechas. Devido ao fato do estereótipo da prostituta estar intimamente ligado ao da mulher, João apresenta uma visão totalmente estigmatizada sobre o feminino, que chega a nós pelas palavras da narradora:

E sou lésbica também porque uso botas, calça preta de napa, camisa masculina sem sutiã, cabelo curto. E porque não escondo uma raiva do mundo que não há jeito de conciliar com qualquer ideia de feminino que ele possa ter. Meiguice e carinho, ternura e delicadeza, batonzinho e hihhi com a mão na frente da boca, enquanto tremo longas pestanas em olhos grandes e sonhadores. (VIGNA, 2016, p. 81)

João não apenas define um conceito falocêntrico de feminino, como visto acima, mas menospreza e ignora a figura da mulher, ele revela o local que destina subconscientemente às mulheres e às prostitutas: o posto de "nada", um vazio. Isso fica claro tanto nos diálogos com a narradora, "Nas nossas conversas também não espera por ficções da minha parte. Nas nossas conversas ou no que chamo, na falta de melhor palavra, de conversas, sou um par de orelhas. Não existo, de fato" (VIGNA, 2016, p. 37), como nos pensamentos em relação ao corpo feminino, "achava que, tendo buceta, pensar em pernas, braços e cabeça, ou seja, em uma mulher completa, seria esforço excessivo" (VIGNA, 2016, p. 37). A narrativa irá abordar com maestria esse problema pautado no patriarcado, o machismo que envolve todas as relações sociais, que instaura entre elas uma competição:

João e os colegas buscam um gozo sob seu controle. Pagam, controlam. [...] E buscam, além disso, a sensação de que são superiores aos outros, embora estejam fazendo exatamente a mesma coisa, todos. E, claro, buscam se sentir superiores, infinitamente superiores, às suas mulheres, as idiotas que não sabem que a trepada com elas é apenas uma entre várias, e sequer a melhor. (VIGNA, 2016, p. 118)

Mais que expor esse padrão absurdo de masculinidade – dominação, superioridade –, esse trecho também apresenta um processo de violência simbólica que se dá através da humilhação de suas parceiras, pois são eles que detém o poder e a liberdade sexual. João age especificamente dessa forma com sua esposa, para perpetuar essa violência simbólica e para transformá-la no nada que ele acredita que ela seja, "João precisa ser mais entre os colegas. E com Lola. Precisa chegar das viagens e olhar Lola com o olhar superior de quem viveu algo que ela não sabe, e esse não saber, tanto quanto o conteúdo do que ela não sabe, a humilha e a anula. João precisa disso." (VIGNA, 2016, p. 93)

João obviamente é um homem machista, que inferioriza as mulheres em todos os sentidos possíveis, inclusive o intelectual. Ele subestima Lola, a quem caracteriza como "burra e limitada" (VIGNA, 2016, p. 91), e acaba só reconhecendo a presença dela quando esta descobre suas aventuras, "João não quer se separar de Lola. É o único momento da vida em comum deles em que Lola existe para João. Existe pelo negativo" (VIGNA, 2017, p. 91). Ao contrário do que se possa pensar não é amor e sim egoísmo que o leva a desejar manter o casamento, como afirma a narradora: "O choro é de irritação pelo fato de o poder total, narcísico, ser contestado" (VIGNA, 2016, p. 91). João não enxerga a inteligência e o valor de Lola, tratando-a, até então, como simples enfeite em sua vida, encarregada de manter um lar estável para o qual ele retorna de suas viagens e encontros com trabalhadoras sexuais, incumbida "de sorrir quando ele chega, ir com ele ao cinema, trepar eventualmente com ele, cuidar de uma criança" (VIGNA, 2016, p. 134).

João acredita ultrapassar para um outro mundo ao entrar em contato com a prostituição, acredita na ideia "de a garota, nua, ser a entrada para outro mundo, e dele ser a decisão para que mundos aconteçam" (VIGNA, 2016, p. 36), um processo de autoafirmação sustentado por suas experiências com outras mulheres, uma demonstração de poder e superioridade, própria do universo masculino, "João fala e fala. Ele tem temas [...] O terceiro tema é o do poder. Quem, dos envolvidos em uma relação prostituta-cliente, detém o poder" (VIGNA, 2016, p. 61). João está sempre tentando garantir sua supremacia e se relaciona com garotas de programa não em busca de prazer, mas de meios para manter essa soberania, vendo a si mesmo como um ser mais especial que todos, "Ela acaba de se vestir. Diz que os outros caras com quem às vezes sai não a tratam tão bem. Que parecem ter vergonha dela, que não querem ser vistos com ela e que não ficam a noite inteira com ela" (VIGNA, 2016, p. 133). Por isso ele conta episódios em que as trabalhadoras sexuais o preferem ou o distinguem de outros, afinal João está acima, pelo menos segundo sua própria narrativa:

A garota abaixou a saia que o cara tinha puxado para cima, isso no meio da boate. Um cafajeste. Ela abaixou devagarinho, olhando para mim com olhar súplice. Não abaixou de todo, como criança que não consegue arrumar direito a própria roupa. Ela estava de fio dental. (VIGNA, 2016, p. 98)

No que se refere especificamente às garotas de programa, João teve variadas experiências, ao revelá-las expõe juntamente o estereótipo no qual enquadró essas mulheres, que não significam nada, um palimpsesto: "João também desenhava. Por cima. E no ar, e com palavras. E nele mesmo. Uma garota de programa por cima de outra garota de programa, sem nunca individualizá-las, acabá-las, sempre faltando alguma coisa, calcando mais da próxima vez, quem sabe agora" (VIGNA, 2016, p. 169). E assim como não consegue admitir a capacidade cognitiva de Lola tão pouco dará crédito a qualquer manifestação que venha das prostitutas, "nem passou pela cabeça dele considerar que a garota falava algo importante" (VIGNA, 2016, p. 161).

Ao estereótipo da prostituta, que não pensa e não sente, está intrinsecamente ligado o domínio do corpo, para ser usado como o cliente julgar apropriado, pois, dentro da estigmatização, ele não passa de um objeto. Nesse sentido, em dois eventos João faz valer esse aspecto, usufruindo o corpo da garota de programa como se fosse um brinquedo a sua disposição, colocando alimentos sobre ele, ou até mesmo inserindo-os, despreocupadamente, por diversão, visando somente os desconfortos que poderia causar a si mesmo, "Pus um bombom dentro dela. Chupei. Foi legal. Mas o cheiro de chocolate atrapalhou. Não era para

eu sentir cheiro de chocolate nessa hora. Juntou com Todinho, uma coisa de infância. Não sei se a minha, se a do meu filho, mas de qualquer jeito, nada a ver" (VIGNA, 2016, p. 158).

Essa curta série a narradora nomeia de "barbaridades" prossegue, depois de "A barbaridade do bombom", João coloca uma pizza fria em cima do corpo da garota, "E faz um segundo round na cama e na pizza, a partir das rodelinhas de tomate, agora acrescidas de mais duas. "Olha só, dois tomatinhos extras!!". Que mordisca" (VIGNA, 2016, p. 159). Encerrando a trilogia de barbaridades, João, reafirmando sua superioridade, conta como uma garota "implorou" para trabalhar para ele, "A garota pediu por favor para eu sair com ela, porque se eu não saísse, ela ia ter de acabar aceitando o programa com algum velho gordo qualquer, então ela pedia: Por favor. Por favor. E eu saí. E ela teve de pagar o favor." (VIGNA, 2016, p. 159).

Como já sabemos, o estereótipo implica, automaticamente, na negação da identidade, e, no trecho a seguir, também na negação da existência: "Ela não existia, nenhuma delas existia, garotas de programa não podendo existir realmente, hologramas." (VIGNA, 2016, p. 122). Fica sempre claro que João vê as prostitutas como não-pessoas, ferramentas no seu regime de transgressão:

Garotas de programa não podem ser muito reais para João porque senão não funcionam como garotas de programa. Por um tempo pensei que seriam uma espécie de tela, perfeitas, sem nada que interfira no filme a ser passado. Ninguém nota uma tela, não antes de o filme começar, ou depois que acaba. (VIGNA, 2016, p. 59)

Essas mulheres eram como que "imaginadas", servindo o propósito de satisfazer João, elas não eram "alguém". Nesse ponto percebemos nitidamente a recusa da subjetividade à prostituta, iniciando por sua forma de identificação mais forte, o nome, "João não guarda o nome de nenhuma das garotas com quem trepou" (VIGNA, 2016, p. 84), delatando a objetificação e a ausência de significado atribuída à elas:

Mas quando ele tentava descrever as garotas, ou quando não tentava e eu pedia, sempre começava da mesma maneira. "Como ela era?". "Uma garota novinha, tesudinha". Por muito tempo achei que ser novinha era uma fixação mais para a pedofilia da parte dele. Independente se era ou não, acho que também queria dizer que as garotas não tinham marcas. Que não havia nelas marcas de uma vida específica. Eram novinhas no sentido de que não tinham marcas, gestos, expressões, coisas que as individualizassem. De algumas, ele lembrava de alguma coisa, um nariz um pouco maior, um jeito mais sacana de rir inflando as narinas ou franzindo o nariz. Ou era ele que punha, nelas, características, lembranças e ilações que nelas não havia. Da maior parte das garotas, nada ou quase nada ficou para ele. (VIGNA, 2016, p. 60)

Outros estigmas vão sendo reproduzidos, como uma cadeia contínua, um puxando o outro, nesse mesmo trecho a narradora comenta a fixação de João por "novinhas", trazendo o já clássico estereótipo da "ninfetinha", personagem cativa do imaginário masculino. Nesse

redemoinho de estigmas, João acaba ficando perplexo quando, lutando contra a maré, a subjetividade o atropela, da mesma forma que se surpreende quando há um rompimento com o perfil que ele espera de uma prostituta:

É a primeira vez que João ganha um presente de uma garota com quem faz um programa. Em vez de dar dinheiro a ela, é ela quem dá algo a ele. Ele se comove de quase chorar quando conta. Depois ele leva a garota para a casa dela e esse lugar ele guarda onde é. Um bairro em cima de uma colina da ilha de Manhattan. Um bairro de classe média alta. A garota é uma garota de classe média alta. (VIGNA, 2016, p. 134)

Além de expor e questionar os apontamentos de João, a narradora contesta algumas de suas colocações, como no momento em que ele expressa sua concepção sobre a figura da prostituta não confiável, ardilosa e mentirosa, um ponto de vista altamente preconceituoso, considerando sobretudo que a garota de programa estava contando a ele situações pessoais:

A garota diz que vem do Nordeste e que tem um filho que ficou ao encargo de parentes. João acha que é mentira. Não acha. Mas ao me contar, conta fazendo cara de esperto, de homem vivido, de quem sabe que uma história dessas só pode ser mentira. Nada mais lugar-comum do que prostituta que trabalha para manter um filho que ficou no Nordeste. Contam isso para amolecer o coração dos trouxas, diz. Ele sabe disso, e faz um muxoxo. Contam isso para ganhar dinheiro extra. E outro muxoxo. Mas corto: "Primeiro, ela faz o programa por menos do que o preço-padrão. Então, não há esperança de ganhar dinheiro extra algum, já que nem o básico ela recebeu". "Tem razão". "Segundo, lugar-comum é apenas uma verdade que se repete." (VIGNA, 2016, p. 57)

Com muita perspicácia, ainda que muitas vezes João seja entediante e quase intragável, como ela define "João vacilão não presta atenção e nem pensa na vida" (VIGNA, 2016, p. 83), a narradora lança a ele reflexões e o desestabiliza em seus conceitos pré-concebidos, "O tema do poder entre prostituta e cliente é o que menos emplaca, nas nossas conversas no escritório. Minha culpa. Quando o tema ensaiou se estender, cortei: "Para mim, vender a buceta ou o bíceps é exatamente a mesma coisa" (VIGNA, 2016, p. 91).

Nem sempre para ele, mas ao leitor, a narradora denuncia as fragilidades e as contradições do discurso de João, "Ele, bem firme, discorrendo paternalisticamente sobre a possibilidade do poder de uma prostituta [...] Outra coisa bem diferente é ele se ver igual à prostituta. Ele à venda" (VIGNA, 2016, p. 92), como também salienta o equivoco e a cegueira que predominam a percepção de João sobre as mulheres e as prostitutas, ela afirma que Lola "podia ter sido uma companheira. Aliás, ela, as garotas de programa, eu. Igual. Mas para isso, João teria de olhar para o lado. Nunca olhou" (VIGNA, 2016, p. 92).

Não obstante, como já mencionado, em alguns momentos a narradora expressa também concepções estigmatizadas – resultado da eficácia do estereótipo –, como, por exemplo, a questão referente ao futuro da prostituta, a ideia de que ela nunca poderá se

desvincular dessa situação de prostituição, uma destruição geral de outras possibilidades de vida:

Ela vai voltar para Petrolina. Vai aceitar o convite do ex-amigo de infância. E aí escuto Mariana dizer isso da mesma maneira que João escuta as histórias em que quer acreditar mas acha que não deve. Imagina se vai dar certo. O ridículo que é acreditar que uma puta com filho pequeno possa voltar para Petrolina com nariz em pé e trabalhar como motorista de alta classe em traslado de aeroporto, eventos, turnês de artistas, excursões turísticas. E que vai dar tudo certo, ela em um dos apartamentos dos edifícios novos que constroem em bairros de classe média, o menino na escola. (VIGNA, 2016, p. 107)

No entanto, ao contrário de João, a narradora é capaz de refletir criticamente sobre seus conceitos, procurando desprender-se das amarras dos estigmas e não afundar-se mais neles. Sobre o caso específico de Mariana, garota de programa com quem divide o apartamento, ela reconhece o engano:

Um ex-vizinho de infância dela está abrindo uma agência de aluguel de automóveis para atender indústrias que se instalam nos arredores da cidade. Uma nova vinícola. Uma indústria de processamento de massa de goiaba para exportação. A agência atenderia traslados de e para o aeroporto, turismo regional, eventos empresariais e culturais. E o cara diz que quer coisa sofisticada, pessoas com traquejo da cidade grande. Falando um pouco de inglês, até. *Na época fico em dúvida se entra prostituição no pacote. Hoje estou convencida de que não.* A foto de Mariana de terninho ao lado do carro de luxo é a foto de uma motorista que pode até leva o grupo de gringos para uma boate. *Mas não é ela a prostituta.* Mariana é uma prostituta com filho pequeno, sozinha no Rio de Janeiro. Trabalha em um puteiro modesto de centro de cidade e acha que vai voltar para o lugar de onde saiu quase adolescente e quase expulsa (pela falta de perspectiva, pela gravidez) e que vai dar tudo certo. Ela fala, concordo sem acreditar nem um pouco. *Devia ter acreditado.* (VIGNA, 2017, p. 75, grifo meu)

Ao relatar a experiência do grupo de amigos de João com uma garota de programa, a narradora atesta como o tema do estereótipo encontra-se no âmago da questão da prostituição, principalmente para o universo masculino, "Faz sentido [...] Não só por ser churrascaria. Carnes à mostra e tal. Mas por ser um clichê de carnes à mostra. Mais um. Esse linguístico mesmo. Porque acho que isso de clichês, banalidades, estereótipos, é a cara que eles têm quando buscam o inesperado, a transgressão" (VIGNA, 2017, p. 83). Ainda no mesmo episódio a narradora expõe outro rótulo, um dos mais fortes e cruéis na construção da figura da prostituta, o de mercadoria, que não admite o trabalho sexual como uma prestação de serviço, mas sim como uma venda de si mesma, perdendo sua autonomia e humanidade.

Na churrascaria, o grupo de homens trata a garota de programa como um objeto meramente decorativo, posto que não está exercendo sua única função, eles falam dela como se não estivesse ali e discutem sobre seus seios da mesma forma que se discute os cortes da carne bovina do jantar. O lugar da prostituta é evidenciado: "quem está lá para servir (a garota

e o garçom)" (VIGNA, 2017, p. 86). Através de uma negociação que apenas visa o próprio lucro e proveito, marcam-na como mercadoria:

Se a garota faz um abatimento porque são três. Pacote promocional. Porque agora se trata de uma transação comercial como outra qualquer e o que vale não é o tostão a mais ou a menos, mas a superioridade intrínseca de quem leva vantagem em uma negociação. Fazem isso enquanto olham para a garota e riem. Ela diz que tudo bem. "Tudo bem". (VIGNA, 2017, p. 87)

Há uma detalhada composição na figura da trabalhadora sexual, incluindo diversos traços, como o estereótipo da imagem da puta, suas vestimentas, seu comportamento, tornando condenável tudo que se associe a esse perfil estabelecido. Através disso se dá a negativização do termo "puta", assim como da própria puta, "A garota ali na rua. Os saltos altos, a saia curta e nem precisa se virar que Cuíca já sabe: o decote" (VIGNA, 2016, p. 83). É preciso que a prostituta se transforme nesse vazio, recheado apenas de estereótipos, um processo torturante de apagamento:

Nada contra a transformação de Mariana em não pessoa. É mesmo divertido ver ela se transformando em a garota perfeita, sem marcas, características próprias ou muito menos defeitos. Ela também acha divertido. Passa base em cima de picada de mosquito. E ri. Eu também rio. O inverso é menos divertido. Quando ela volta e precisa se transformar de não pessoa em pessoa, o processo é doloroso, íntimo. Põe Gael para brincar com alguma coisa. E começa. E é difícil. É difícil para ela limpar a maquiagem em frente ao espelho. O banho também é demorado e difícil. E uma vez que cheguei mais cedo do escritório de João, vi que ela simplesmente sentava no chão do chuveiro e deixava a água escorrer. Por horas. E depois do banho, ela acha que precisa escovar o cabelo por muito, muito tempo. E com gestos bruscos, quase arrancando. (VIGNA, 2016, p. 45)

A narradora cumpre seu papel expondo a complexa corrente de estereótipos, enquanto intensamente problematiza-os. Ela também vai descobrindo traços da personalidade de sua colega de apartamento, como a força, a determinação e a alegria, desvelando, então, a subjetividade de Mariana – estopim do seu processo de desconstrução de estigmas – por intermédio de cenas do cotidiano, um jogo de RPG ou uma faxina:

Aí tem um dia de fim de semana em que chego e ela está de luvas amarelas que vão até quase o cotovelo. Faxina na cozinha. O cabelo na cara e, ao lado, Gael alegre e pelado no chão molhado. Ela está de short e camiseta, sendo que a camiseta tem uma mancha, provavelmente de leite com chocolate, de Gael. E ela também está rindo, como Gael. Estupefata de descobrir Mariana como uma pessoa, não tenho outra coisa a dizer. "Tem uma mancha aí na camiseta." (VIGNA, 2016, p. 76)

A construção narrativa realça o tom da obra de Vigna. Ao final, Lola vivencia uma experiência semelhante as de seu ex-marido (João). Ela flerta e cobra pelo sexo, isso, no entanto, não a inferioriza, muito ao contrário, é uma performance de controle, uma retomada, Lola subverte a ordem masculina do poder através desse episódio de trabalho sexual. Essa visão que permeia a obra, também através da narradora, de reconhecimento e protagonismo da

prostituta, devolve a voz e o valor, ao mesmo tempo em que aponta os estereótipos que sofrem:

Os dois, andando os poucos passos daquela rua, juntos, indo para o apartamento, em um programa em que dinheiro não é o mais importante. Ambos fazendo o que não está previsto. Uma transgressão, *a dela bem maior do que a dele*. Porque se o trabalho dela é trepar por dinheiro, ela não faz o que lhe é designado. *Decide, ela*. E a decisão é a de trepar tendo a certeza de que é porque quer. E dizer não para o dinheiro *é algo bem mais radical do que qualquer coisa que João jamais tenha feito*. (VIGNA, 2016, p. 60)

É inegável que todos os caminhos do estereótipo levam a um resultado: a negação da subjetividade da prostituta. Todos os fatores, objetificação do corpo, transformação em mercadoria, submissão ao controle sexual, desempenham a mesma tarefa, roubam a individualidade e transfiguram uma pessoa em casca oca, o vazio destinado ao feminino e, por extensão, à prostituta. Exatamente por fazer esse jogo de espelhos que revela ora estereótipo, ora subjetividade que Elvira Vigna consegue conciliar tão habilmente representação e crítica, trazendo-nos os dois ângulos da mesma moeda.

Diário de L.L.

Antes do anúncio ser publicado eu estava bem ansiosa, animada. Eu estava achando tudo muito legal, aguardando o dia de ver meu textinho nas páginas do jornal. Não era para ter rimado. Mas aquilo parecia genial, eu queria saber o que ia acontecer, mostrar para as pessoas, não sei explicar qual era minha expectativa, o que eu estava realmente esperando.

No dia anterior começou a bater uma crise. Aquilo era certo? Poderiam pensar que eu estava zombando das trabalhadoras sexuais? As pessoas entenderiam o ponto da análise? Entenderiam o que eu estava investigando? Ou pensariam que era um enfeite para encher o trabalho? Prejudicaria os outros anúncios reais? Era válido inventar algo que envolvia o ganha pão de outras pessoas? Eu estava tirando a atenção de possíveis clientes? No fim, a maioria das dúvidas sumiu, o que seguiu me preocupando, até hoje, é a opinião das trabalhadoras sexuais, se um dia alguma delas ficasse sabendo disso, o que pensaria. Consolo-me pensando na integridade das minhas intenções (mas isso basta?).

No dia mesmo eu acordei pensando "é hoje", alguém compra a ZH pelo amor da deusa. Não estava lá, como assim? Eu preparadíssima com meu perfil fake no Waths e o anúncio não tinha saído. Isso que eu chamo de balde de água fria.

Então eu recebi uma mensagem, a Lori recebeu.

Foi publicado, sim. Descobri que no Diário. Fiquei eufórica e surpresa, andava pela casa falando "deu certo". Ainda não sei o quê.

Eu precisava ver. Comecei a pedir para os homens que entravam em contato comigo para enviar foto do anúncio. Entre extasiada (pelo andamento do experimento) e perplexa (pela existência de procura) eu comecei a responder. Não estava pronta, não sabia bem o que dizer, eu não contava com isso.

Não mesmo. Tinha certeza que ninguém ia ligar, embora como boa capricorniana que sou já tivesse um planejamento prático para isso (chip, fotos). Não contei com o poder das palavras femininas, não previ o fato de que a maioria dos homens nem se afetaria com a palavra que vem depois de amante ou rainha. Eles não sabiam e nem queriam saber o significado de polissemia ou sinestesia, simplesmente não importava.

Percebi então que o anúncio não precisava alimentar e perpetuar o estereótipo. Onde houvesse o feminino, a mera insinuação ao sexo, ele aconteceria. Eu, com certeza, fui pega com as calças na mão.

A pior parte foi a primeira ligação. Foi aí que eu constatei o meu total despreparo. Não sabia como me portar, perdi o rebolado. Perdi a noção do que eu estava fazendo. Foi estranho, eu queria que a Lori fosse verossímil. Mas era a minha voz! Era eu.

A Lori e eu.

Meu namorado que sugeriu um valor hipotético para o programa, porque eu não sabia quanto isso custaria no mundo real, afinal o que eu estava pensando? Minha análise sobre prostituição estava calcada em obras ficcionais, e, apesar de ter lido muita teoria sobre isso, inclusive questões sociais, em nenhum momento apareceu o preço médio de um programa. Os anúncios que eu vi não continham valor. Como eu iria saber? Como as prostitutas se

referiam a esse dinheiro? Tempos depois, seguindo uma ativista do putafeminismo me deparei com o termo "cachê" e realmente achei mais apropriado que dizer "o meu preço", não era meu, era o preço por determinado serviço.

Eu respondi ao telefone: "duzentos reais". O homem perguntou as medidas. Eu não sabia nem as minhas, imagine as da Lori. Eu não previ isso também.

No início da ligação, eu tive essa coisa, que eu ainda não sei definir, uma ânsia de que a Lori fosse o que exigiam dela. Como se eu fosse instigada a corresponder o padrão que estava sendo imposto, querendo dar medidas de um corpo que fosse o esperado. Mas quando ele perguntou se a Lori fazia sexo anal eu me dei conta, foi um estalo, um chamado para fora da hipnose. Não era isso que eu pretendia! Desde o início minha ideia era desestabilizar o estigma, então nesse momento eu ratifiquei meu intuito e comecei a estabelecer os limites que eu tinha em mente, negar os pedidos, impor meu posicionamento. Não, eu não faço sexo anal.

Aí ficou mais complicado.

Colocar a Lori como protagonista das negociações do trabalho dela foi um esforço ininterrupto, em todas as conversas. Cada "não" era seguido de muito tempo de insistência.

Senti que eu tinha que assegurar a subjetividade da Lori. Foi trabalhoso. O que causa a objetificação da garota de programa não é o fato de exercer um serviço sexual, mas sim como a sociedade vai olhar para ela. O sexo acaba, é apenas um momento na vida da gp, os preconceitos que decorrem disso é que não acabam, eles a perseguem em todas as esferas do cotidiano.

Tudo isso começou a ficar cansativo, prolongar essas conversas me deixava cabisbaixa. As ligações tinham efeito mais negativo sob mim, quando vozes masculinas descreviam o que iriam fazer comigo mesmo depois que eu dissesse que a Lori não fazia isso ou aquilo. Gp tem que fazer isso e aquilo e o que mais for solicitado. Eu Lori não faço fazemos sexo anal. Mas e se eu colocar assim e te virar e te segurar e te e te e te. Não, eu Lori não faço fazemos nada disso sob nenhuma hipótese de jeito nenhum pode ir me nos largando. Que frescura como assim o que é isso tu vai gostar porque eu vou fazer e fazer e fazer. Mãos vozes já estavam se apossando do meu nosso corpo.

Eu me sentia sugada. A culpa não era da Lori, nós estávamos juntas nesse barco, mas eu deixava o celular cada vez mais de lado.

Eu queria abraçar a Lori. A Lori? A Lori, eu ela nós.

4. *Ménage à trois*: o estereótipo, a subjetividade e a guará

O presente capítulo encarrega-se da análise da obra de Maria Valéria Rezende, *O voo da guará vermelha*. O romance conta a história de Irene e Rosálio, que se encontram nos caminhos da vida e juntos compõem essa narrativa poética. Irene é uma prostituta que contraiu AIDS e que já está, há muito, familiarizada com as desgraças do destino, ela apenas luta para sobreviver e sustentar a "velha e o menino". Rosálio, por sua vez, é um pedreiro que não sabe ler nem escrever, mas que anseia por ampliar seus horizontes. Ambos com sede de cores, oriundos de existências cinzas, passam a partilhar a faísca de alegria e afeto que constroem juntos.

Nessa obra observa-se tanto a presença do estereótipo quanto da subjetividade, embora a segunda seja, de fato, predominante na construção da personagem prostituta. O estereótipo apenas surgirá como âncora para sua própria anulação, para então propiciar a imersão do eu. Os conceitos fundamentados pelo viés do estigma serão introduzidos através voz da própria prostituta, a sua visão de si mesma, obviamente reflexo da imposição social que recebe como violência simbólica, o que faz com que o oprimido assimile os conceitos do opressor. O fato de Irene ter AIDS corrobora seu encarceramento enquanto sujeito: a prostituta não é ninguém, não merece nada, não sente nada, mas a prostituta doente está ainda mais inferiorizada e ela acaba por reproduzir o emblema que carrega, uma marca indelével, mais forte que qualquer letra escarlate:

Irene cansada, cansada, como custa esforço não pensar em nada!, como custa afastar do pensamento a criança nos braços encarquilhados da velha naquele barraco fincado na lama, o papel amarelo com o resultado do exame, o médico falando, falando, falando, o tempo passando, passando, passando numa correria, quase todo dia já é segunda-feira, ir levar um dinheiro para a velha, ir saber se o remédio prometido chegou, pegar o pacote de camisinhas e ouvir a assistente social lhe dizer que mude de vida. Irene ri, amargo e torto, com uma banda só da boca para não deixar ver a falha dos dentes da outra banda, *ainda que ninguém a veja agora, ainda que ninguém lhe olhe a cara de frente, nunca*. Engraçada aquela assistente social, "deixe essa vida", está certo, eu deixo essa vida, não me importo de tudo se acabar agorinha, que esta minha vida só tem uma porta, que dá para o cemitério, mas a senhora vai tomar conta do menino e da velha? (REZENDE, 2014, p. 11, grifo meu)

Irene não só reconhece o descaso que recebe perante a sociedade como também se menospreza, atuando como a principal responsável por reproduzir na narrativa os estereótipos aplicados à ela. Esse é um dos vestígios das coações que sofreu ao longo da vida, do assassinato progressivo e cruel de sua subjetividade e de seus sonhos, como o de estudar, "Irene a custo se curva, ergue a ponta do colchão, corre a mão e encontra o lápis, a borracha e o caderno, bonito, duzentas folhas, as sobras de uma ilusão, 'estudar segundo grau, veja só!,"

tem topete essa menina!' " (Rezende, 2014, p. 19). No contexto social em que vive, não lhe restaram alternativas além de aceitar os estigmas para aprender a subsistir, um conformismo de sobrevivência:

No começo acontecia, quando ela ainda não sabia avaliar um freguês, quase tudo ignorava quando se meteu na vida, desconhecia estranhezas e bizarrices sem fim que puta feita conhece, à custa de dor aprende, como um dia ela aprendeu, cada vez que apanhava, em pouco tempo aprumava, sem mais sinal de pancada no corpo forte e saudável, ficava só mais esperta pra reconhecer perigo. (REZENDE, 2014, p. 155)

Irene não se considera merecedora de felicidade ou de amor, por isso em inúmeros momentos ela questiona a presença de Rosálio em sua vida – sentindo-se também perturbada com o suposto prejuízo que estar com ela causa ao homem –, ao mesmo tempo em que teme a sua partida, já que não consegue perceber qualquer razão para que ele fique, "Um homem assim tão bonito, com aqueles olhos cor d'água e um corpo forte e bem-feito, da cor da terra molhada, não podia ser para ela, bem sabe, mas esperava." (REZENDE, 2014, p. 35). Ela é incapaz de ver em si, qualquer motivo para ser desejada e amada, salientando, principalmente, que a raiz dessas concepções é a sua situação de prostituição, como também a decadência de seu corpo,

Irene sente-se ingrata, prendendo Rosálio a ela, que nada tem para lhe dar a não ser o que lhe resta de seu corpo maltratado, que vende para quem precisa mas não tem como pagar por uma carne sadia, desgraçados como ela, mas ele não é assim, pode ter amor de graça, tão bonito, novo e forte!, com tanta mulher sozinha procurando homem solteiro. Se ele ainda aparecer, vai lhe dizer que esqueça, já não gosto de você, não quero mais perder meu tempo com um homem falador, que chega e fica enrolando uma conversa sem futuro, que eu tenho de trabalhar, vá s'embora, chispa!, xô!, Quero que desapareça, que eu não presto para você, que não sou nada, mais nada, um caco de mulher triste, gastando um resto de vida, não tenho nada para lhe dar, amor de puta acabada não vale nem um minuto da vida de um homem são, não vou mais lhe ler histórias dessas das mil e uma noites, não quero prender você que você não é Sultão, não é um homem cruel, e nem eu sou uma princesa linda como Sherazade. (REZENDE, 2014, p. 60)

Esse certamente é um dos pilares do estereótipo atribuído a essas mulheres, a subtração de muitos aspectos da vida, especialmente o emocional. Marginalizadas e rotuladas como indignas, as prostitutas não estão qualificadas para o campo afetivo, apenas para o sexual, a personagem Irene demonstra isso através da persistência de sua insegurança – mesmo sabendo que Rosálio gosta dela – "ainda que pareça coisa assombrosa demais que assim, por razão nenhuma, um homem lhe tenha amor" (REZENDE, 2014, p. 124). Paira a ideia de que, sendo esse ser desprovido de subjetividade, a garota de programa não possui pensamentos, sentimentos, tornando-se um ser vazio, inapto para amar ou ser amado. A prostituta é, imediatamente, transformada em objeto, em mercadoria, posto que só tem a oferecer seu corpo, como produto para ser utilizado, limitando sua vida a isso, como elucida o trecho em que Irene cerceia o próprio pensamento, "Para de pensar, mulher, pensa nada, pensa

vazio como esta rua, pensa nos cotovelos doendo de estar assim apoiados na beira da janela, estou tão magra!, é da doença..." (REZENDE, 2014, p. 13). A população do submundo possui direitos muito restritos, que não incluem o âmbito sentimental, ao encontrar-se a primeira vez com Rosálio, Irene ressalta a extensão de sua solidão e o contato afetoso a recorda de tempos antigos:

Avança para o homem que a mira com olhos de espanto e pena, que não se esquiva, não se defende, estende o braços, oferece o peito aberto, *há quanto, quanto tempo Irene não sabe o que é um peito onde encostar-se!, apoiar-se neste peito duro e brando é como chegar, enfim, a algum lugar de seu, é como voltar ao início onde ainda nada se perdeu, nem o sagui, onde ela ainda está inteira e já não treme, nem tem raiva e onde ainda não há segundas-feiras.* (REZENDE, 2014, p. 16, grifo meu)

Todos esses fatores refletem na visão que Irene tem de si mesma, dessa forma, quando Rosálio começa a romper os estereótipos com os quais ela já está habituada a conviver, a mulher surpreende-se, "Irene mal acredita no que ouve, aquele homem, Nem-Ninguém ou Curumim, seja lá como se chame, quer levá-la a passear!, não tem vergonha de andar com mulher-dama na rua!" (REZENDE, 2014, p. 42), ela põe-se constantemente incrédula, ignorante de seu valor como sujeito, consciente apenas de ser um objeto descartável:

Será que afinal vai dizer o que ela não quer ouvir, que já está cansado dela, que encontrou um novo amor, um amor que vale a pena, de mulher bonita e nova? que agora já sabe ler, criou asas outra vez? A mulher luta, valente, contra os pensamentos tristes, porque agora quer viver, por primeira vez, em anos, mede o tanto de alegrias que tem tido ultimamente. (REZENDE, 2014, p. 101)

Como podemos perceber, por meio de Irene, que aprendeu a esquecer que é alguém, já tão acostumada a não ter direito algum, sequer o de "ser" ou de ter alguma vontade, recebemos os fios de estereótipo que amarram-na, eles precisam surgir para serem derrubados, "sou puta mas não sou besta pra macho nenhum me encilhar!," (REZENDE, 2014, p. 41). Ela encarrega-se de relatar as chagas relacionadas à prostituição, que a tornaram uma pessoa "tão dura, desencantada de tudo, que de todo amor zombava" (REZENDE, 2014, p. 125), contando a história de sua amiga, Anginha, ela aborda a exploração a que alguns parceiros submetem suas mulheres aproveitando-se do trabalho sexual que elas exercem, Irene evidencia também sua dependência financeira, posto que, partindo do seu contexto social, ela foi privada de oportunidades e escolhas, até mesmo de sonhar ou morrer:

Domingo à tarde tudo dorme, as outras mulheres todas dormem, só Irene não pode, espera a sorte de aparecer algum freguês, quem sabe, alguma coisa, amanhã segunda-feira, o menino e a velha, arrasta os pés pelo chão de mármore encardido até a porta carcomida do casarão. (REZENDE, 2014, p. 13)

No estereótipo referente às prostitutas, a natureza da sua profissão reconfigura o ser em objeto e o corpo em mercadoria, como exposto anteriormente. É a voz de Irene que irá

expor este outro ponto – inclusive algumas vezes presumindo erroneamente que seja sexo o intuito de Rosálio –, enxergando-se exclusivamente como uma mercadoria, classificando a si pelo que seu corpo podia oferecer, atribuindo valor comercial a sua carne pelo aspecto e "qualidade" que ela possuía:

Escolhe as roupas guardadas que há muito tempo não usa, que são do tempo em que tinha carnes fartas, coxas grossas, o peito que transbordava para fora do decote, bunda redonda e empinada, todos os dentes na boca, tudo que fazia dela rapariga desejada, podia enjeitar freguês, pedir um preço bem alto que muitos homens pagavam sem sequer regatear, puta de luxo, famosa, não como se encontra agora que, se vestir essa saia florida, azul e encarnada, vai lhe escorrer pelas pernas e se amontoar no chão pois já quase não tem corpo para segurar roupa alguma, só um punhado de ossos, cabide para pano frouxo. (REZENDE, 2014, p. 125)

Em várias passagens Irene olha para o próprio corpo, notando o desgaste causado pela vida e pela doença, e percebe, como trabalhadora sexual, que o declínio de seus atributos físicos contribui ainda mais para sua ruína, "vê-se no espelho rachado, parece que agora é antes de que tudo começasse, quando ainda não se via moldura roxa nos olhos e o resto da cara branca como folha de papel, quando Irene era bonita" (REZENDE, 2014, p. 29), esse fator dificulta ainda mais a sua sobrevivência, o corpo e a alma da prostituta são um só.

Nesse sentido, é uma quebra de paradigma na representação da prostituta trazer na narrativa um corpo em plena deterioração – acarretada pelas feridas físicas e emocionais –, "ela está tão magrinha!, pele, osso, dor e amor" (REZENDE, 2014, p. 124), no entanto, que ainda precisa atribuir-se valor monetário. Trata-se de um corpo exaurido ainda tendo que vender-se. "Que bom seria simplesmente deitar-se, dormir, dormir, talvez sonhar, para sempre, talvez, mas amanhã é segunda-feira, o menino, a velha..." (REZENDE, 2014, p. 14), um corpo em desespero, "ela nada diz de sua boca, impõe com as *mãos febris*, com as pernas magras, com o *corpo esqualido* de bicho fêmea que ele lhe entregue seu corpo duro de bicho macho, assim, sem palavras, e ele faz o que ela quer, *vencido pela dor que contorce a cara dela*" (REZENDE, 2014, p. 14, grifos meus).

Ao decorrer da obra, ocorrem muitas outras quebras necessárias para abranger a identidade de Irene. Desde a chegada de Rosálio, na qual se estabelece a oposição entre a visão do homem e a da prostituta, vislumbrando-a imediatamente como metáfora e poesia, mesmo depois de saber sua profissão, sem a mínima sombra de estereótipo:

Rosálio sente dó, tanto dó desta mulher!, faz lembrar aquela guará, vermelha, de pernas longas e finas como caniços, que ele uma vez encontrou enredada nos galhos de um pinheiro, as penas ainda mais rubras, tintas de sangue, que ele soltou e quisera curar mas que, descrente, arisca, fugiu dele para, quem sabe?, sangrar até morrer, sozinha, desamparada naquele ermo tão longe dos mangues de onde viera; mas esta não, esta vem cair no seu peito, não foge, Rosálio não deixa, faz dos braços cerca em volta dela, embala, devagarinho. (REZENDE, 2014, p. 16)

A narrativa empregará recursos para introduzir a subjetividade da prostituta, e Rosálio é apenas um deles. A voz de Irene se fará presente, pensante, ainda que um tanto amordaçada por antigos conceitos. A partir de episódios de fluxo de consciência, recordações narradas em primeira pessoa e discurso indireto livre, em meio ao relato em terceira pessoa, diversos espaços serão abertos para a fala de Irene, conferindo à representação da prostituta um protagonismo ímpar. Para justificar atitudes do tempo presente, como o fato de Irene não conseguir agir como Anginha, ou seja, conscientemente passar o vírus para outras pessoas, "Irene não, não pode fazer mal a nenhum vivente, nenhum, por causa do sagui, daquele aperto na boca do estômago cada vez que lembra. Ah! Anginha, se você soubesse..." (REZENDE, 2014, p. 11), uma lembrança irá apresentar ao leitor traços de sua personalidade:

Não sei como foi que me descuidei, só me lembro do susto, da correria, o sagui correndo, correndo, solto no terreiro, correndo, correndo danado em volta da casa, eu correndo, correndo atrás dele, tanto, tanto que já não podia respirar, zonza, zzzonza, zzzonza, zzzzzonza, a correntinha solta feito uma cobra na minha frente, um último impulso, a ponta da corrente ao alcance do meu pé, o pulo, meu pé pisando a corrente, o tranco da coleira no pescocinho fino, enforcando, o corpinho peludo arrefecendo entre minhas mãos, os olhos dele pedindo socorro, apagando-se, a dor, a culpa, o meu remorso que nunca mais passou, já faz tanto tempo!, até hoje...(REZENDE, 2014, p. 12)

A ligação entre memória e identidade é muito evidenciada por teóricos como Assmann e Candau, portanto, é absolutamente pertinente que ela sirva de instrumento para proporcionar o desvelar da subjetividade de Irene. É por intermédio da recordação que o leitor pode conhecer Irene antes da prostituição, isso é um fator muito importante para romper com o estereótipo que nega a prostituição como uma situação e a estabelece como uma definição determinante, que apaga o antes e o depois, a trajetória de vida da mulher:

Meu avô quebrava pedras, suando de sol a sol, eu lhe trazia a quartinha de água fresca e lhe tocava as costas, as costas de meu avô eram pedra, a pele de meu avô, no sol, tinha cor de sola e terra, o braço do meu avô se estirava e continuava em pau e ferro, batia e arrebentava o lajedo em mil pedaços. Meu avô erguia a marreta e cantava com voz de ventania, com um eco numa gruta, eu olhava, ouvia e esperava ele parar, meu avô bebia da quartinha a água doce e fresca, me deixava no rosto um beijo com gosto de sal e eu achava que era importante demais levar água pra ele. *Naquele tempo eu sabia pra que vivia.* Mas então, veio uma peste danada e levou meu avô que eu pensava que não se acabava nunca porque ele era duro como as coisas que duram pra sempre, pra mim meu avô era feito de pedra, de terra e de vento, mas a vida não é como a gente imagina, chegou o dia dele e meu avô cumpriu-se de volta pro chão, ajudei a carregar o caixão. (REZENDE, 2014, p. 36)

Irene mede a riqueza de sua vida pelo conjunto de histórias e lembranças que possui, ratificando o pacto entre memória e identidade. Ela acaba ressaltando, também, como a vida de prostituição subtraiu-lhe aspectos tão importantes da vida, esvaziando mais ainda sua existência:

Irene vê que, por hoje, o homem já está cansado de falar tanta coisa que ela nem imaginava, porque sua vida, estreitinha, entre a pedreira da infância e os quartos

todos iguais de um puteiro para outro, onde ninguém lhe falava senão palavras de alcova ou lamentos e ilusões inúteis de mulher-dama, deixara quase vazia sua caixa de lembranças, só recordações antigas, de seus anos de criança, pouca coisa, um punhadinho. (REZENDE, 2014, p. 83)

Através da memória, conhecemos a dor que Irene carrega, sua tristeza e, conseqüentemente, o meio de diminuí-la, após o relato sobre a vida com o avô, a lembrança do carinho que já recebeu e que, posteriormente tornou-se algo escasso em seu caminho, a melancolia a abate, "A voz da mulher se embarga, Rosálio sente uma onda que está quase a rebentar e transbordar dos olhos dela mas já sabe o que fazer quando há que consolar essa mulher desvalida e recomeça a contar" (REZENDE, 2014, p. 37). Irene quer histórias e palavras para iluminar sua vida, quer sonhar, "Conta, homem, conta mais, é cedo para ir-se embora, nem o dia clareou, enquanto durar a noite conta, conta para eu sonhar" (REZENDE, 2014, p. 17), coisas das quais até então ela tem sido privada devido a sua condição de trabalhadora sexual:

Ai, Rosálio, se eu soubesse, há muitos anos atrás, que um homem assim existia, capaz de fazer com a fala um mundo maior que o meu, um mundo cheio de histórias de sorrir e de chorar, que me tirasse das sombras do medo de me acabar sem mesmo ter começado a viver vida que preste, que fizesse o amarelo, o azul, o verde, o rosado expulsar a cor cinza desta alma que eu carrego como uma barra de chumbo. (REZENDE, 2014, p. 83)

Rosálio cumprirá o papel de romper com os estereótipos, desde o princípio a informação da condição de prostituição de Irene não interfere em sua visão sobre ela, ele não sente raiva e sim remorso, ao descobrir que ela precisava de dinheiro e ele não tinha para pagar "então clareia-se o entendimento e Rosálio sabe o que é esta mulher e o que lhe deve, há que pagar-lhe, por isso ela fez o que fez, pelo dinheiro que ele não tem, os bolsos ainda pesados de pedras" (REZENDE, 2014, p. 15). Esse comportamento é tão incomum para Irene que ela surpreende-se quando as ofensas e agressões esperadas não ocorrem. A leitura que Rosálio faz de Irene é sempre voltada para sua subjetividade, a prostituição não é um fator de definição para ele, que enxerga, prontamente, os estilhaços de sua alma, "Os olhos da mulher, súplica e esperança, o meio sorriso, ferida aberta no meio da cara" (REZENDE, 2014, p. 14).

Se, por um lado, Irene duvida de seu valor como indivíduo, por outro, Rosálio irá reafirmá-lo a todo momento. Enquanto a mulher vê em si mesma apenas um corpo que não tem muito há oferecer, uma verdadeira putrefação da subjetividade, o homem percebe nela inestimáveis aspectos:

Rosálio pega-lhe o queixo e a faz olhar para ele, bem lá no fundo dos olhos, e lhe diz que encontra nela tanta força de lutar, lutar para dar vida ao menino, tem força contra a doença que já venceu tanta gente, tem *a força do saber e bondade para ensinar, que sua vida ainda vale muito mais do que ela pensa*, que ele, Rosálio, era

cego, porque não sabia ler, e ela operou um milagre, igualzinho a Jesus Cristo, curando a sua cegueira, quase de todo vencida. (REZENDE, 2014, p. 84)

A preciosidade da subjetividade de Irene é exaltada por Rosálio, que consegue transcender a visão limitada que a mulher tem de si, mesmo quando esta insiste em se menosprezar, “não diga tanta besteira, que o amor não é assim, o amor é como menino que não sabe fazer contas nem de perda nem de ganho, vive desacomodado, não tem lei, não tem juízo, não se explica nem se entende, é charada e susto, mistério” (REZENDE, 2014, p. 60). Rosálio subverte a ordem de valor estabelecida até então na vida da prostituta, o homem não quer explorar o seu corpo, ele se interessa pelo intelecto de Irene:

O homem olha a mulher com uma pergunta nos olhos, sorri como intimidado, abaixa um pouco a cabeça, olha de novo para ela só com o canto do olho como quem tem um desejo sem coragem de pedir. Ela percebe, pensando que conhece aquele jeito de homem querendo cama e as coisas que se faz nela, diz "se quer brincar, pode vir, que hoje ainda tenho coragem". Não, ela não entendeu, também... como é que essa pobre, de quem só se compra o corpo, pode pensar que ele quer que ela agora leia um livro? "Diga, homem, o que deseja, deixe de ser besta, diga!"? Ele gagueja, mas diz. A mulher olha espantada para o homem, para a caixa que ele abriu. (REZENDE, 2014, p. 25)

Rosálio rompe o sistema monetário, a troca entre ambos se dá em outras esferas, o homem afirma: "amor com amor se paga" (REZENDE, 2014, p. 112). Nessa doce relação que nasce do encontro de duas almas famintas por significado e cor – como elucidada o sumário feito com nomes de cores –, prevalece uma entrega mútua e sincera, o dinheiro perde seu posto de prioridade, posto que entre Irene e Rosálio se cria uma transação equilibrada de carinho, histórias e palavras. O pedreiro ignora todos os estereótipos que rodeiam a figura da prostituta, enaltecendo, encantado, a mulher que vislumbra, "Entra e enxerga, surpreso, as letras sobre o papel que a mulher está traçando, é como um sonho, um milagre, a voz cantante, contando, lendo para ele, o dedo apontando as letras, toda a história da guará. E ela sabe escrever!, esta mulher sabe ler!" (REZENDE, 2014, p. 20). O dinheiro, entre eles, perde a importância, passa a ser um recurso para causar a alegria do outro, algo que querem ter para propiciar conforto, para dar livremente,

Parece que já desperta, dá gosto lhe oferecer café com pão e ovo frito, se ovo houvesse, mas não há. Irene levanta a tábua meio solta no assoalho, tira dali seu tesouro, o dinheiro que conseguiu juntar a semana toda, mal dá uma lata de leite, rapadura para adoçar, um pacote de fubá, mais um quilo de feijão para o menino e a velha conseguem escapar, mas quer ir comprar um ovo, de gema bem amarela, só pelo gosto e o orgulho de ter o que apresentar ao homem que se levanta, se estira e lhe diz "bom dia", depois mete a mão no bolso e puxa um punhado de pratas e mais uma ou duas notas que lhe estende, satisfeito, "olhe aqui, é para você, já paguei o que devia na obra, posso lhe dar todo o resto que ficou porque eu mesmo não careço de nada que é de comprar". Irene agarra o dinheiro, este não tem de guardar, mostra ao homem onde lavar-se enquanto ela vai à rua e volta, quase feliz, com um saco de pão doce, capa de coco ralado no creme farto, amarelo, abelhas zunindo à volta e três ovos bem branquinhos com que fazer um banquete. (REZENDE, 2014, p. 42)

A felicidade começa a ser uma possibilidade real para Irene, através da voz de Rosálio, que não só confirma seu merecimento, mas que quer proporcionar a concretização dessa felicidade:

Acha graça no bigode amarelo que ela tem agora na cara magra que assim parece mais nova, nem tão triste nem doente, e pensa em levá-la embora dali, para algum lugar bonito onde haja árvores, flores, onde o mundo tenha cores de vida nova e não cinzas, ergue-se alegre e convida, vamos, mulher, passear, vista um vestido bonito que hoje é dia de folgar. (REZENDE, 2014, p. 42)

O mecanismo da mercadoria é quebrado não só pela inserção da subjetividade, mas de muitas formas: através do desmoronamento da tríplice corpo/objeto/dinheiro, do enaltecimento do intelecto e do conhecimento da prostituta, assim como na introdução da felicidade de Irene. Uma felicidade vibrante, que recompõe uma mulher despedaçada, que é também recíproca para Rosálio, preenchendo ao mesmo tempo dois vazios, o maior clichê do verdadeiro amor, que nessa narrativa se faz pura verdade:

Irene prova o vestido, adornado com babados dando-lhe corpo e presença, já nem parece tão magra, despeja sobre Rosálio uma cascata de beijos que termina num abraço em que os dois se tornam um só, *num descabro de amor, Irene sente a alegria escorrendo-lhe dos olhos molhar toda a sua cara e inundar seu sorriso com gosto de vida inteira*, talvez curta, porém plena. Rosálio se entrega à calma que lhe vem de tanto amor, de *ver a vida se abrindo como uma nova paisagem que se promete bonita, com Irene nos seus braços, suspirando satisfeita*. (REZENDE, 2014, p. 127)

Pelo encontro com Rosálio é que o leitor pode conhecer a identidade de Irene enquanto pessoa, rechaçando conceitos antigos e enraizados ligados às mulheres que exercem o trabalho sexual, desmentindo aspectos pejorativos atribuídos a elas: "Por primeira vez tem o amor de uma mulher em quem pode confiar, que não o quer por dinheiro e já não o manda embora, já sabe ler tanta coisa e sabe que o resto aprende." (REZENDE, 2014, p. 126).

Ainda que a narrativa seja predominantemente lírica, que o romance de Irene e Rosálio arranque suspiros até dos mais duros corações, o estereótipo e sua força aniquiladora vêm alcançá-los, a miséria social não permite que a prostituta escape, mesmo quando ela já se encontrava tão segura vivenciando os sonhos que sempre lhe haviam sido negados, Irene faz questão que esclarecer que para a prostitua é fatal permitir-se ser feliz:

É nele que pensa sempre, fica alheia, imaginando, não repara à sua volta que a vida segue em seu baile de fantasias e máscaras que é preciso adivinhar, que as coisas são outras coisas, quase nunca o que parecem, é preciso estar esperta, vigiar, desconfiar. Agora ela está tão fraca, a morte a vive espreitando, é preciso defender-se, nunca estar assim aérea, distraída, sonhadora, nunca se meter com amor, que amar enfraquece a gente, baixa a guarda, deixa frouxa. *Amor, coisa perigosa, um luxo, só para quem pode, Irene não, nunca pôde*, água de sal nas feridas, mas o coração insiste, não arrefece, resiste, bombeia amor pelas veias, pode, sim, Irene desejar viver de amor, quanto mais lhe doem os golpes dos pés do homem tarado, mais quer que o outro apareça, quer sobreviver, viver. A onda de dor no corpo, na alma, nela

inteirinha dissolve e derrama Irene no piso frio e rachado sob a água do chuveiro. (REZENDE, 2014, p. 156, grifo meu)

Embora a morte da prostituta seja utilizada com frequência nas formas de representação desse tipo de personagem, na maioria das vezes retribuindo uma construção estereotipada em que a morte culmina em purificação ou regeneração, esse acontecimento na obra de Maria Valéria Rezende rompe com os padrões. Muito longe de significar alguma espécie de purgação, a partida de Irene é abordada com poesia, ela se vai, mas não cumprindo as nódoas do estereótipo, ela segue sendo exaltada por seu amado, "A outra mão de mansinho puxando a porta empenada que não se fechará inteira, há de ficar entreaberta no coração de Rosálio, *deixando passar os raios de pura luz que é Irene*, depois de enterradas as sombras" (REZENDE, 2014, p. 157, grifo meu). A presença de Irene perpetua-se através do amor de Rosálio, portanto sua herança não é uma lição moral, sua morte não busca lograr uma elevação, posto que Irene já a possui, desde sempre:

Anginha não vê Irene. No entanto, ela está aqui, entranhada na alma dele, incrustada em sua pele. Rosálio sente que agora, e ainda por muito tempo, não deseja outra mulher, tem uma mulher por dentro e vê claro à sua frente o destino que lhes cabe, que não foi cigana que leu na palma da mão, nem foi cartomante que descobriu no baralho, nem pai de santo nos búzios, é o destino que a vida, dele e de Irene, embolada, escreveu com pó de estrelas num papel azul sem fim: vou para o meio das praças, vou para o meio do mundo contar tudo que já sei e mais as coisas que eu só posso conhecer quando disser, soltando minhas palavras, sem teto, laje ou telhado por cima de minha cabeça que me separe de Irene, que eu sei que por onde eu for a minha guará vermelha, minha mulher encantada, vai sempre me acompanhar, voando entre o azul e mim, e ela quer ouvir meus contos. (REZENDE, 2014, p. 157)

O legado de Irene são as histórias que construiu com Rosálio, que perduram, guiando o caminho do homem em que ela agora vive, imortalizada na metáfora da guará vermelha. A força das palavras conduzem a beleza dessa narrativa, e, ainda no final, retomam as rédeas da obra, subjugando qualquer reminiscência de estereótipo, garantindo que a lembrança de Irene seja a sua subjetividade.

Diário de L.L. "game over"

Geralmente, no vídeo game, nós ficamos tristes quando o "game over" aparece na tela, quando perdemos aquela vida virtual. É o fim do jogo, das chances de vencer, da diversão.

Meu caso foi diferente. Eu mesma escrevi o game over da Lori.

Aquela vida virtual precisava acabar, para o bem de nós duas.

Nós não tínhamos nenhuma chance de vencer e a diversão existiu só por breves instantes. A força negativa do estereótipo foi devorando todo entusiasmo que meu interesse em investigar produziu, bem assim: um Packman sombrio.

O enterro da Lori foi super simples: tirar o chip do celular. Eu disse para algumas pessoas que eu quebrei, é mentira.

Eu não poderia fazer isso com a Lori. Não depois de tudo que vivemos juntas.

Eu não sei porque fui tão afetada, ou me deixei ser. Pareceu algo impetuoso, não conseguia reter, talvez eu seja mais frágil do que imagino, eu, que me gabo dos pés bem fincados do meu signo de terra.

Com esse meu melancólico feedback eu não estou querendo dizer que a prostituição é ruim e faz mal para as mulheres que a exercem. Não estou dizendo que as garotas de programa precisam ser resgatadas "dessa vida". Eu sequer poderia dizer isso, pois eu não exerci nenhum trabalho sexual, eu não fui prostituta.

Eu posso, no entanto, afirmar que ter sido a fonte de voz, dedos e pensamentos de uma prostituta fictícia, ou seja, a base de sua rápida existência, consumiu alguns pedaços de mim. E isso não teve nada a ver com ato sexual, teve a ver com a força que eu tive que fazer para mantê-la como uma pessoa diante desses que a procuravam. Sucumbir a objetificação as vezes parecia mais fácil. E mais: isso é uma leitura de uma mulher de 26 anos que não conhece verdadeiramente a realidade de uma prostituta, não além do que pesquisou, mas a vida é sempre tão maior que qualquer pesquisa, por mais profunda e ética que ela seja (o que eu tentei). Eu só posso dizer então que o estereótipo corrói. E que eu acho, apenas acho, que talvez o sexo seja a parte fácil do trabalho, ou a parte menos difícil, pelo menos. O foda mesmo é alguém, cliente ou não, que pensa que sua identidade é apagada por exercer trabalho sexual.

Eu não penso que as prostitutas precisam de algo além do que elas mesmas reclamam. Não são vítimas, a não ser que assim se sintam. O essencial, portanto, é respeito e voz.

Eu sei que essas palavras podem me levar a acusações de militância. Não seria a primeira vez. Mas quem vive entre palavras sabe que não há fuga, nem remédio, elas são trens desgovernados, quando proferidas na ardência do ímpeto, ou barquinhos sem vela, quando oriundas de morosas divagações, o destino delas nunca nos pertence e somos impreterivelmente carregados.

Independente do que me condenem, eu assumi, num pacto solitário que firmei comigo mesma, o compromisso de ser o mais responsável que eu pudesse, que eu alcançasse ser, com essas mulheres. Estou longe, sou ciente, do ideal, mas eu tento, eu tento.

E, aqui, irei me desdizer.

Há uma justificativa, sim, eu tive um motivo. Um motivo com a essência do querer (que me exige um pouco da contradição). Eu queria falar de mulheres. De mulheres das quais até as mulheres não querem falar. Dar voz às mulheres, às mulheres que até as mulheres querem calar.

Isso é a maior verdade dessas poucas páginas. O resto...

Diário de L.L. "o amanhã nunca morre"

O chip pousava inerte sob a madeira fria da caixinha de coisas quase inúteis. Coisinhas que por pouquíssima possível futura utilidade foram guardadas, um fiozinho de nada as separava daquelas que foram para o lixo.

Seus tempos de uso, ele sabia, eram passado. Ele só trouxera amargor. Não era verdade, mas assim ele pensava, era a única justificativa para ter sido dispensado sem nenhum cuidado, sentenciado a existir naquela caixa que de tanto entulho virara caixinha.

Tinha como colegas de quarto outros como ele, de outras operadoras. O que haviam feito? Deviam ser pré-pagos também, por certo sua dona fizera um pós-pago, ligações ilimitadas, 4g. Não precisava tê-los descartado, podia ter feito portabilidade. Havia entre eles cartões de memória, clipes, cabos de diversos tipos e um mp3 antigo .

Passaram-se três meses de reclusão até que a tampa fosse removida novamente. Todos acharam que estava chegando outro hóspede. Porém, os dedos de unhas pintadas de vermelho tocaram o chip. Ele foi retirado e inserido no mesmo celular de outrora.

Para a surpresa da mulher, aquele tempo não fora o suficiente para fazer morrer aquela que vivia no chip. Lori estava lá. Muitos a procuraram desde então. Ao que tudo indica não é tão simples enterrar uma personagem.

VOGADOS
Advogados associados
OR
 adas, 1273/702 - Centro
 8/807 - Centro
 898 | www.teiga.com.br

TRABALHISTA
 alizado na área
ACIDENTE
BALHO
 (13.310)
 do lado da Igreja Cristo Redentor).
98271-6876
 aos sábados pela manhã!

AUXÍLIO DOENÇA NEGADO
ATENÇÃO:
AS MUDANÇAS DA PREVIDÊNCIA
AUXÍLIO DOENÇA
ADÓRIA POR INVALIDEZ
 9
 m.br
 gado.com.br
 s.com.br
Plantão 24h:
(51) 99985-7991

CIA TRABALHISTA
 s e Rescisórias | Acidente do
 upacional (Reintegração e/ou
 ondente) | Discriminação |
 no Emprego e Demais Direitos
 sil nº 1800 sala 602
) 99193.5001 (claro) OAB/RS 33160

32.139.139

ADVOCACIA TRABALHISTA
 ...
 ...
 ...

MULTAS DE TRÂNSITO
 ...
 ...
 ...

ATRAN ASSÉS.TRÂNSITO
 ...
 ...
 ...

ADVOCADO CRIMINAL
 ...
 ...
 ...

TRABALHISTA Centro PGA na Dr.
 ...
 ...
 ...

REYNALDO Recruta e franquia
 ...
 ...
 ...

DETETTVES

DETTVE LEMOS&LEMS
 ...
 ...
 ...

ENTRETENIMENTO E LAZER

LORI LAMBY
 ...
 ...
 ...

TRAVESTI 22 PRA TI.
 ...
 ...
 ...

RELACIONAMENTOS MASSAGEM ERÓTICA

A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES É CRIME E DEVE SER DENUNCIADA - DISQUE 100.

SEXYOOXY
butik
 www.sexyooxy.com
 sexybutik

SÁBADOS 30% DESCONTO
 "exceto fantasias e atacado"
 Recorte e traga este anúncio
 (51) 3029.2989
 Vigário José Inácio, 552

DESEJO E SEX
 ...
 ...
 ...

CIA DO PR
 ...
 ...
 ...

SEXY E
 ...
 ...
 ...

A PARTI
 ...
 ...
 ...

Terapia do Prazer
 www.terapiadoprazer.net

CLIENTES SATISFEITOS!!
 ...
 ...
 ...

VENHA COM
 ...
 ...
 ...

PAN
 ...
 ...
 ...

A CAS
 ...
 ...
 ...

MA
 ...
 ...
 ...

PEDRO RUAS
 Advocacia Trabalhista e Previdenciária
 Av. Borges de Medeiros, 410, conjunto 724, Porto Alegre/RS.
 Telefone (51) 3212-9473.

5. Relatório sobre o anúncio no Jornal

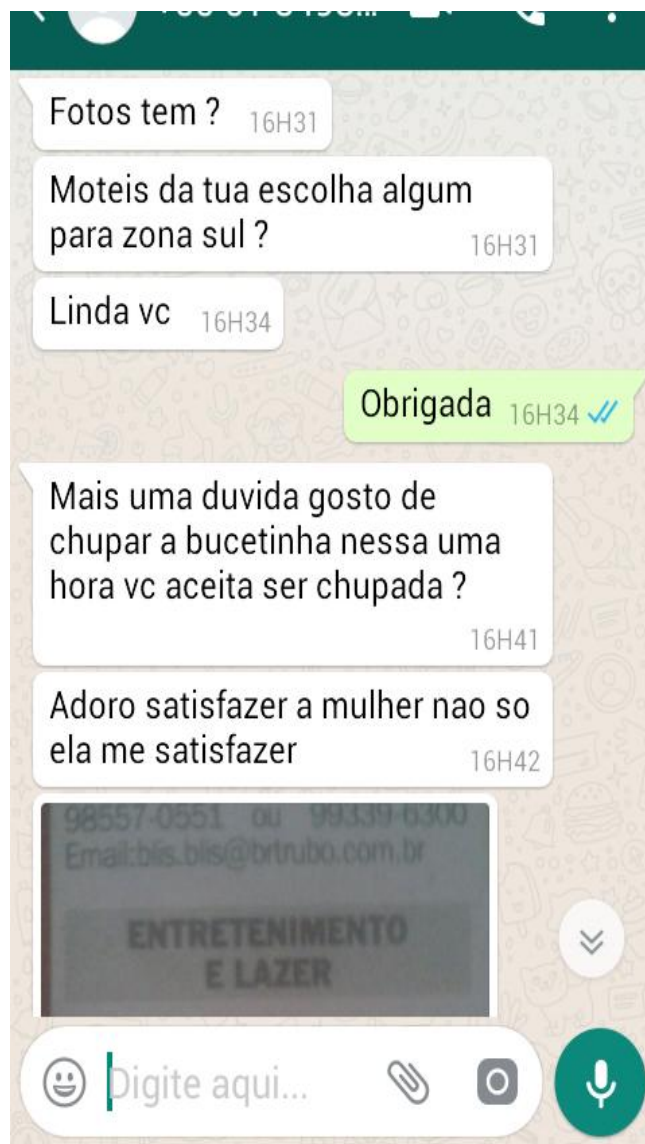
No dia 14 de agosto de 2017, foi publicado o anúncio de prostituição que desenvolvi, sob orientações do professor Ricardo Barberena. A ideia era fugir do padrão de anúncios comumente vistos, anúncios que exploram os estereótipos já existentes sobre as trabalhadoras sexuais, dessa forma foram empregados termos que fugiam do contexto sexual/corporal, mais especificamente termos ligados ao meio literário, o próprio nome utilizado no anúncio é inspirado na obra de Hilda Hist.

Ao contrário do que eu esperava, já no primeiro dia houve contatos. Até o dia 22 de agosto, dia da última mensagem que recebi, contabilizei 20 ligações e 8 conversas no WathsApp. A maioria das ligações foram feitas de número privado e todos se negaram a manter alguma outra forma de contato, como o WhatsApp, sugerido por mim, pelo fato de facilitar o registro das falas. Talvez por isso o teor das ligações tenha sido mais intenso, baseado na crença de que essas conversas não eram registradas, os homens que acionaram a Lori sentiam-se mais seguros em expressar seus pensamentos.

Nas ligações todos, sem exceção, perguntavam sobre o corpo da Lori, era o primeiro item. Descrições minuciosas, incluindo medidas de seio e bunda, foram requisitadas. Percebi que esse quesito era muito importante, considerando que nenhum deles aceitou contatar por WhatsApp, no qual poderiam pedir fotos, então a descrição do corpo da Lori era o único meio de obter informações sobre o produto que visavam adquirir. Depois disso a preocupação mais frequente era com os serviços que a Lori prestaria, o que poderia ser feito, todos questionaram sobre sexo anal e 19 deles não aceitaram a recusa, 5 reclamaram de forma mais agressiva e 14 tentaram me dissuadir por meios sexuais, explicando o tamanho do pênis e as formas como realizariam o ato. Apenas 1 dos homens concordou assim que o trabalho foi negado. Dos 19 que não aceitaram, 18 desistiram do programa sob diferentes pretextos, inclusive dizendo que a Lori era "fresca" e "sem profissionalismo".

Em todos os diálogos busquei estabelecer regras e limites, impondo a vontade da Lori de alguma forma, para ver como seria a reação à autonomia da prostituta, quando ela se coloca como dona do seu próprio corpo. Nesses casos, um duelo de posse sempre era travado. Notei que, nesse universo de homens que contataram a Lori, eles faziam questão de manter certo controle sexual, uma garantia para o ego masculino, que os fazia crer que, mesmo tratando-se de serviços contratados, eles propiciariam prazer sexual, para manter a ideia de

que, por mais inacreditável que seja, é essa mulher que precisa deles e não o contrário. Isso também apareceu em algumas conversas no WhatsApp:



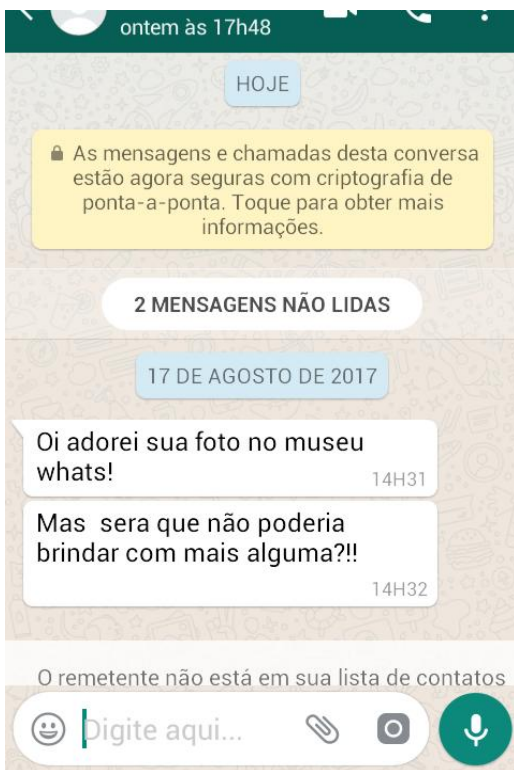
No WhatsApp, por sua vez, as descrições do corpo foram substituídas pelos pedidos intermináveis por fotos, muitas vezes eles vinham antes mesmo de perguntar o valor. Havia uma foto *fake* no perfil do aplicativo, ainda sim eles pediam mais fotos:



Cliente 1



Cliente 2

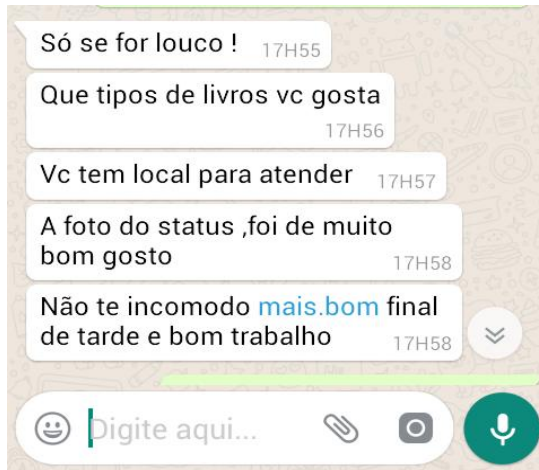


Cliente 3

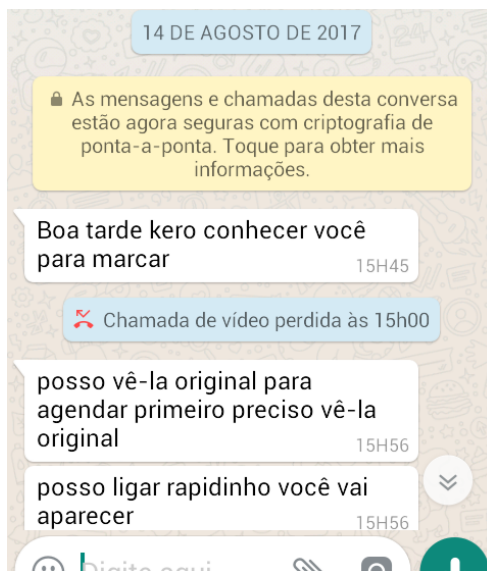


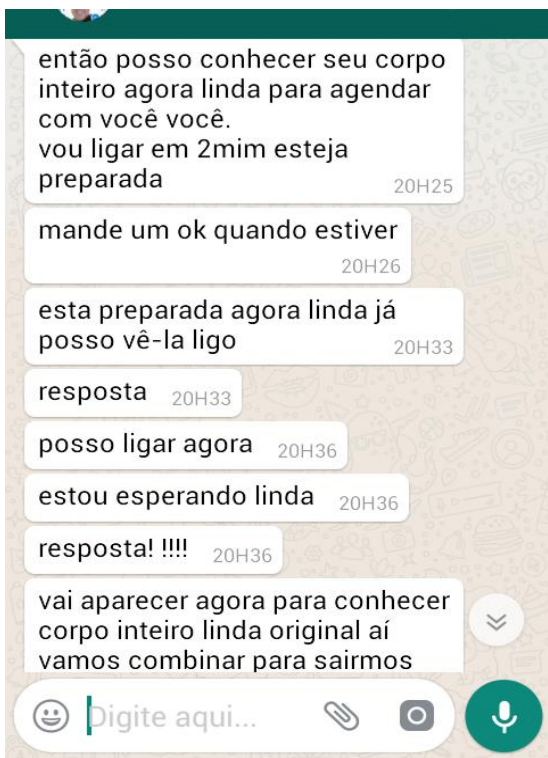
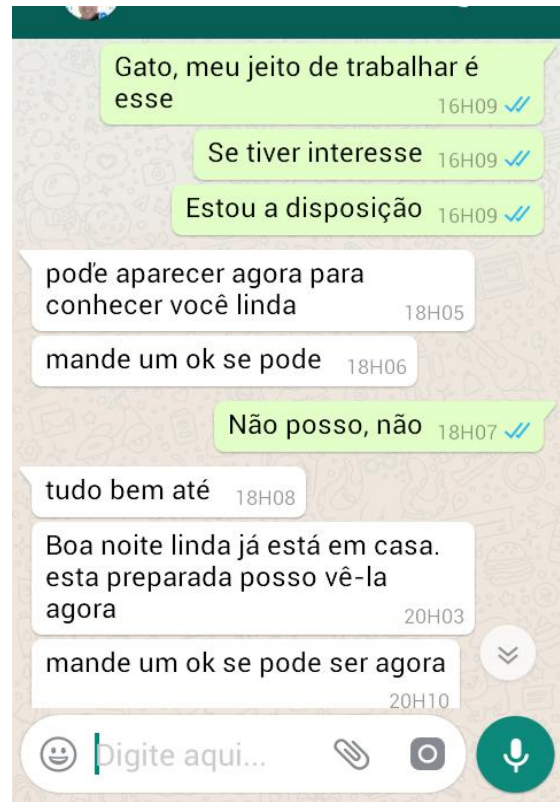
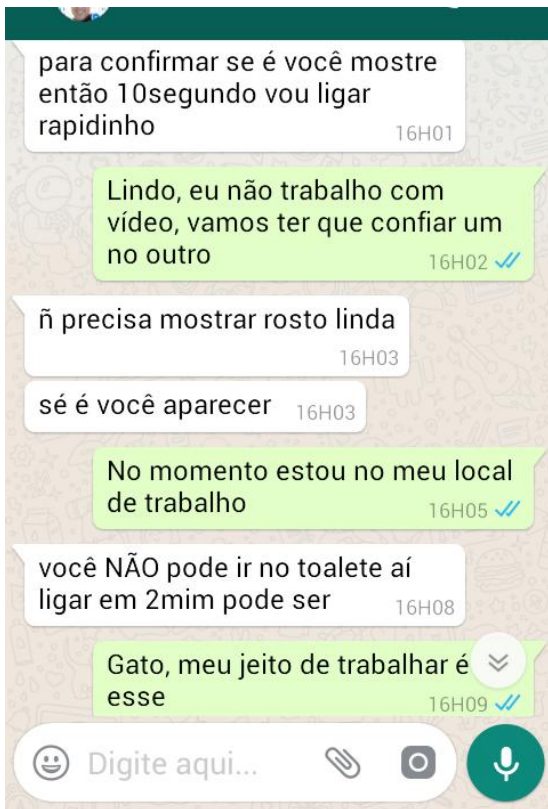
Cliente 4

As negativas seguiram sendo não apreciadas, também no aplicativo, percebi que é esperado da prostituta uma disponibilidade total, que atenda todas as solicitações feitas, que mantenha diálgio ininterruptamente, em determinada conversa fiquei 4 minutos sem responder e o "cliente" se aborreceu e disse que não mais incomodaria:



Um certo "cliente" causou-me espanto devido a sua insistência em fazer uma vídeo chamada, ele estava obstinado a conferir o "material" em tempo real antes de fechar o programa, mesmo quando afirmei que a Lori não trabalhava dessa forma e depois passei a ignorá-lo, continuou falando comigo e fazendo ligações:

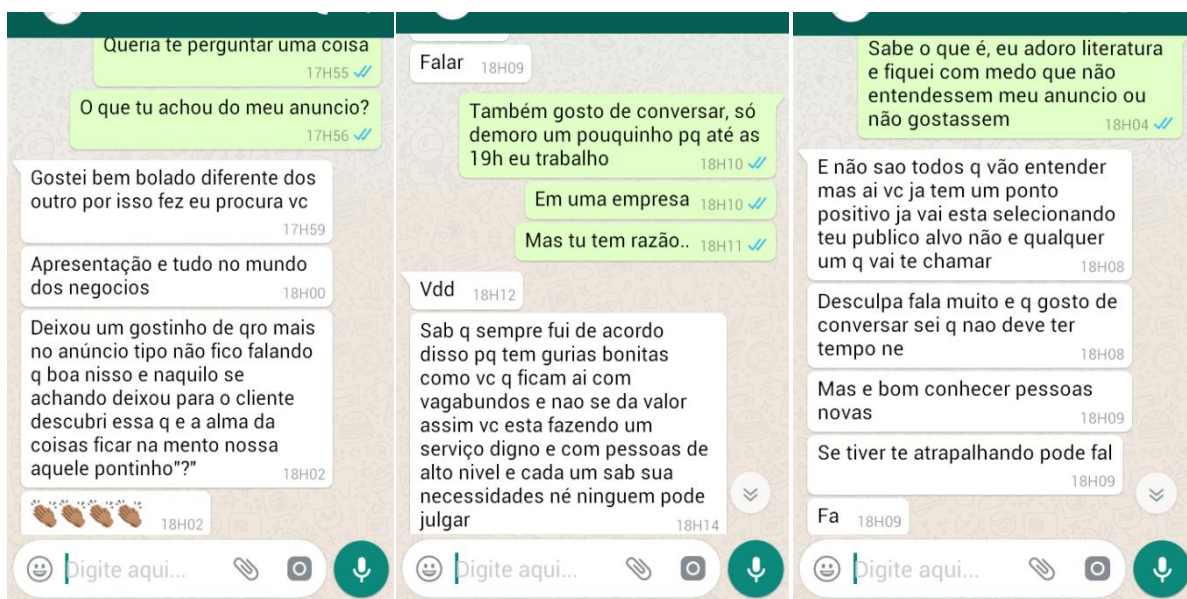




Aos homens que deram mais espaço para algum tipo de diálogo, questionei sobre o anúncio, meu intuito era saber o que os havia motivado a entrar em contato, se tinham compreendido as palavras, o teor literário. A grande maioria ignorou a pergunta ou não aprofundou, afirmando que gostaram e acharam bonito. Uma das respostas que recebi foi por áudio, com a seguinte frase: "O conteúdo eu não sei se presta, mas que a embalagem é boa, é".



Recebi apenas uma resposta mais profunda e completa, o "cliente" que a proferiu fez também outras observações sobre o trabalho sexual:



Busquei também inserir ao longo da performance alguns traços de subjetividade, falando sobre a Lori, questões pessoais sobre ela. A maioria ignorou esses aspectos, pra ser mais exata apenas 2 deram continuidade a esse tipo de assunto. A Lori possibilitou que eu alcançasse de uma forma mais plena o quão profundo é o trabalho de alimentação do imaginário alheio, como é intenso dedicar-se ao desejo do outro, em alguns momentos me senti muito cansada, sugada e até parava de responder.

Pude perceber também que mesmo que haja no anúncio de prostituição uma ruptura com o contrato do estereótipo, ele irá se perpetuar ao longo do processo do trabalho sexual. Quando o contato ocorrer de fato, serão alimentados os estigmas. Então, não se trata apenas de um ciclo que se retroalimenta, que pode ser quebrado pela apresentação da prostituta, o estereótipo consegue manter sua sustentação através de outros caminhos, o anúncio dentro dos padrões do estereótipo nada mais é que o ato de adaptar-se ao cenário e, talvez, tentar usá-lo a seu favor, ou seja, atrair mais clientes.

6. Conclusão

Resolvi substituir o modelo tradicional de conclusão. No lugar de elaborar um texto totalmente dispensável, no qual acabo por repetir exaustivamente tudo que vim argumentando ao longo da dissertação – já que todos os capítulos tinham considerações quase-finais, intercaladamente iniciais –, na tentativa de um fechamento que é irreal, achei mais produtivo trazer o próprio exercício e experimento da alteridade, não para concluir, mas para provocar a continuidade.

Não sou nada mais que uma cafetina. Não me considero melhor que as outras que existiram antes de mim, que existem comigo nesse momento ou que virão a existir. Somos todas exploradoras. Sanguessugas.

Ou empresárias, empreendedoras.

Confesso que depende do ponto de vista.

As minhas colegas focam no lucro financeiro que determinadas mulheres podem proporcionar se estiverem a seu serviço, isso através do prazer que causam aos clientes e colaboradores de seus negócios. As outras cafetinas querem prostitutas – eu também –, mas o que conta para elas é o investimento, o dinheiro, a bufunfa.

Ou seja, o que muda entre nós – eu e as outras cafetinas – nada mais é que o interesse. Quer dizer, nós exploramos as prostitutas, de fato, só que o meu objetivo são as suas histórias.

Minhas colegas visam o corpo. Eu viso a alma. Qual de nós é mais cruel? Seria difícil saber.

Eu sou uma pesquisadora. Mas elas também pesquisam, analisam, selecionam o "corpu(o)s". Por isso sou como elas e elas são como eu.

Como cafetina literária, título conferido por mim mesma, eu busco e recebo as minhas meninas, acolhendo-as para então futricar, vasculhar, remexer suas narrativas. É, como as minhas colegas que abrem as pernas delas, olham os dentes, examinam postura, desenvoltura, curvas. Eu também investigo: abro suas páginas sem nenhum pudor, como se elas me pertencessem, olho as palavras, examino descrição, estereótipo, subjetividade.

As outras cafetinas observam a capacidade de satisfazer o outro. Eu, a capacidade de ser um indivíduo.

Como vocês podem perceber, não são tantas nem tão gritantes as nossas diferenças. E a cada momento nos aproximaremos ou nos distanciaremos, eu e as outras cafetinas, num jogo simétrico, de agenciamento.

Quando, enfim, eu expuser as minhas prostitutas nesse belo salão, sentadinhas frente a todos, nessa performance literária, em que – mais uma vez e sempre – elas são os objetos.

Ass: cAfetiNA

Espaço de extinção da subjetividade.

Espaço de raros rostos e muitos corpos. Quanta curva, quanta bunda, quanto seio: tudo enfeite, tudo recheio. Descaracteriza a carne, a pele, o músculo, perde a vida, vira artifício, objeto.

Ditadura do estereótipo, mulheres despidas, vestidas de fetiches. A femme-fatale impera: quando a carne não é totalmente exposta, há renda, vermelho, preto, transparência. Imaginário masculino: ok, delícia!

Nomes ganham outra função, fogem da identidade, organizam o catálogo.

Maria, Bruna, Carolina, Isabela, Camila, Mel, Kelly. Ninguém olha.

Ninfeta, gostosa, safada, mulata, sexy, fogueira, bombonzinho. Isso, isso que importa.

Pessoa esquecida, anulada. Ninguém compra a pessoa, compra a gata sarada.

No mercado encontra-se mercadoria. A mulher é essa feita de fantasia.

Fantasia pra quem?

*Pro homem? **Moderno!***



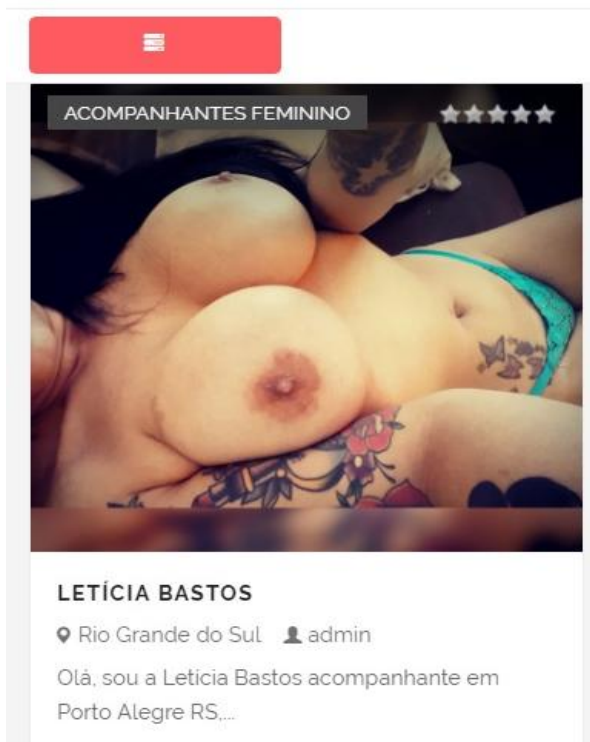
Cada uma delas chegou a mim apenas com um punhado de palavras e muita vontade.

Vontade de contar.

Eu nunca pedi nada, nunca direcionei. Cada uma falou o que quis, quando quis. Nenhum assunto era inadequado ou apropriado. Valia tudo, tudo que elas quisessem dizer.

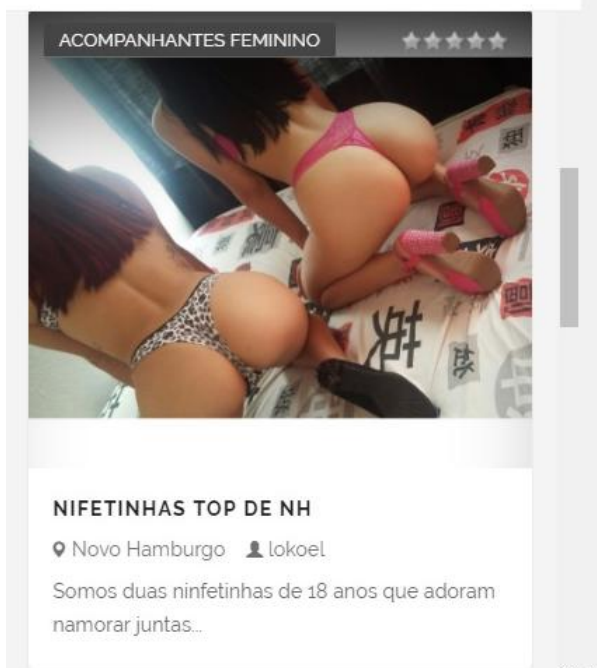
Eu não filtrei ou vetei. A voz é delas. Conquistada, por direito.

Alguns relatos são curtos, outros mais longos. O que importa para mim é que elas estejam neles.



A maioria das minhas amigas diz que queria ter seios grandes. Na minha opinião, o peitão é supervalorizado. Ninguém pensa na parte ruim. Eu tenho dores horríveis ao fim do dia, eles pesam muito! Ah, já fui ao médico: tenho problema na coluna. Ia operar pelo SUS, diminuir, pelo menos um pouco. Mas não dá. É meu ganha pão. Quando os caras olham pra esse material todo, a imaginação corre solta, "espanhola" é o básico. Vou levando, quem sabe um dia o peitão sai da moda ou da cabeça dos homens.

Letícia



Eu sou precoce, admito. Desde pequena eu tinha interesse nas cenas de novela que faziam minha tia me tirar da sala. O que aqueles dois faziam depois que eu era expulsa? Minha tia não percebia, mas eu saía do quarto silenciosamente e ficava parada no corredor escutando tudo. Eram uns sons tão gostosos, de gente feliz e contente, que eu queria saber o que causava aquilo.

Um dia perguntei pra uma vizinha da minha idade que sempre ia brincar lá em casa, era a única que minha tia permitia. Era de família boa, gente religiosa, gente de princípio. Pais muito rígidos. Isso era ótimo pra mim, que não tinha pais nenhum, nem dos rígidos nem dos flexíveis, e que era criada de favor pela irmã de criação da minha mãe.

Meus pais morreram quando eu era bem pequena. Foi horrível, eles estavam indo me buscar na creche porque eu estava doente. Por tanta preocupação e nervosismo, meu pai não percebeu o sinal fechado. Morreram os dois, de amor e devoção.

Pena que é tudo mentira.

Mentira, não, mas não é verdade. É só um jeito mais legal que eu inventei de responder quando me perguntavam na escola, pra não dizer que os dois estavam presos, que tinham uma quadrilha bem baixo nível de roubos no centro da cidade.

Voltando ao dia que contei pra minha vizinha dessa curiosidade doida de saber o que acontecia nas cenas que começavam com um homem e uma mulher tirando alguma peça de roupa. Ela não quis falar, preferiu mostrar. No quarto do irmão mais velho assistimos as fitas que ele escondia dentro de uma caixa de jogo de tabuleiro. Ele era esperto. Mas nós éramos mais.

Eu achei aquilo tudo bom demais, aquela mulher tinha uma cara de satisfação, e eu não sei como nem o motivo, mas senti uma coisa no meio das pernas, um calorzinho, um latejar,

parecia que estava pedindo pra passar alguma coisa ali. Minha vizinha sentiu o mesmo e começou a se esfregar, de pernas abertas, na beira da cama do irmão. Eu agarrei um travesseiro dele e friccionei com força bem no centro da minha vagina. Não sabíamos, ainda, que aquilo era masturbação e até pensar em colocar os dedos demorou pra caramba. Mas o fato é que, desde sempre eu gostei de sexo, tenho vocação pra coisa.

Eu e essa minha vizinha. Que se tornou minha parceira e sócia. Homem gosta bastante de mulher com mulher. A nossa idade colabora com a fantasia toda.

As vezes eu fico na dúvida se eu gosto mais de sexo, ou mais de fazer tudo isso com ela. Mas só com ela não paga as contas, então, vamos unir o útil ao agradável.

Camila (Ninfetinha 1)

Eu tô aqui só pela diversão.

Depois de viver dezesseis anos com pais surtados, fugir com a vizinha aos dezessete se torna quase a única saída. O resto é consequência.

A vida é quase toda feita de becos sem saída mesmo.

Eu não escolhi minha família, então, diante dos fatos foi o que deu pra fazer. Mas eu me divirto com a Camila.

Nós gostamos disso. Eu tenho que gostar disso.

Quando meu irmão descobriu que a gente pegava as fitas dele, não ficou com raiva. Ficou curioso pra saber o que nós duas fazíamos enquanto assistíamos, eu mostrei.

Ele disse que não era assim e me ensinou a usar os dedos, os dedos dele em mim. Doeu. Era melhor com o travesseiro, como a Camila fazia. Mas antes tivesse parado nos dedos. Não parou. Foi pior.

O resto é consequência.

Melhor abrir as pernas pra desconhecidos do que tê-las abertas pelo seu irmão. Mas eu me divirto com a Camila.

Ou a Camila se diverte por nós duas. Bom, ela não teve um irmão. E nunca soube do meu. Eu quis poupá-la disso, afinal ela já tinha perdido os pais naquele acidente horrível de carro.

Sarah (Ninfetinha 2)



Alice Dutra



(51) 99767-2236

Ligue e diga que me viu no Vip Luxúria!

Olá sou a Alice seu mais novo sonho de consumo. Sou iniciante e estou pela primeira vez em site. Sou uma menina mulher que gosta do que faz . Pra mim o atendimento vai muito além do sexo gosto de uma boa conversa e preliminares quentes. Te desafio a me conhecer e não ficar com gostinho de quero mais pois transformarei um momento que era pra ser bom em um momento maravilhoso. Você se sentirá como um rei junto à mim pois pra mim o prazer não tem limites... Estou te esperando, com carinho Alice.

Atendimento é exclusivo pra Novo Hamburgo, São Leopoldo e Sapiranga

Como Sou

Idade: 22 anos
 Altura: 1,65m
 Peso: 55 Kg
 Olhos: Castanho
 Cabelos: Loiro
 Busto: 90 cm
 Quadril: 95 cm
 Cintura: 70 cm
 Pés: 37
 Manequim: 36

O que Faço

Beijo na Boca? Sim
 Faço Oral? Sim
 Faço Anal? Talvez
 Faço Dominação? Talvez
 Faço Inversão? Sim
 Atendo Eles? Sim
 Atendo Elas? Sim
 Atendo Casais? Sim
 Acessórios? Sim
 Eventos? Talvez
 Viagens? Talvez
 Tenho Amigas? Sim

Compartilhar

Atendimento

Horários: 9hrs as 21hrs
 Cachê: a combinar
 Locais: Hotéis, motéis
 Cidades: Canoas, são Leopoldo, NH, Sapiranga, vale dos sinos

Video



Me indique para um Amigo

Seu Nome

Seu E-mail

Nome do Amigo

E-mail do Amigo

ENVIAR



Voltar

Eu não nasci garota de programa. Parece óbvio, né? Mas não é. Me classificam assim, isso passa a ser tudo que sou, passa a nortear todos aspectos da minha vida.

Não existe um pé de prostituta. Que cê vai lá e colhe, prontinha.

Não, querido. Essa prostituta nasceu, cresceu, tem um passado, como você. É gente, como você, quer dizer, com a diferença que eu não pago por sexo. Ok, desculpe, sem preconceito aqui.

Até porque, no meu caso, foi uma escolha. Eu não nasci garota de programa e, pra ser sincera, entrei no ramo a pouco tempo. Não sou traumatizada, não. Não fui molestada por padrasto babão nem lambida por primo tarado. Eu optei. Também não sou nenhuma pervertida, foi uma questão de cálculo. Minha infância foi linda e eu tive estudo. Aquele que os meus pais puderam me proporcionar.

Um dia me deu um insight, foi bem assim: eu estava naquela loja de pé desde as 10h da manhã e entrou a cliente pentelha. Eu tirei roupa de tudo que era canto, quase esvaziei o estoque, ela olhava tudo com cara de nojo, mas também não parava de pedir mais e mais... "não tem azul desse?", "tem P?". Bom, ela não usava P, de jeito nenhum. E a culpa não era da roupa, não era da loja e muito menos minha. Era da patricinha que comeu muito Mc Donald's e não aceitava o tamanho que tinha!

Eu fiquei pensando porque eu tinha que vender as roupas que eu queria comprar, para uma criatura mais feia e mais chata que eu, num shopping que eu queria ir só para passear, com um horário de almoço de 30 minutos. A resposta: eu preciso de dinheiro. E aí eu pensei que eu poderia conseguir mais rápido, em maior quantia. Não mais fácil. Isso é balela. Pelo menos pra mim. Mas ainda é melhor que essa vida, escravidão por escravidão escolho uma em que eu consiga ter mais coisas.

É meu direito. Não estou fazendo mal pra ninguém. A esposa que fica em casa enquanto o marido tá aproveitando horário de almoço comigo? Isso não é responsabilidade minha, quem tem a aliança no dedo e o compromisso "até que a morte os separe" é que leva essa conta.

O meu gerente vivia passando a mão em mim de graça. De brincadeira. Qual o problema em trocar a pessoa que lucra? Por que sempre alguém lucra no corpo da mulher! Só que agora sou eu.

Alice



Por incrível que possa parecer – quer dizer, pra você, né, que vive nessa bolha, porque pra mim não é nada incrível –, alguns homens que procuram prostitutas as vezes acham elas um lixo. Você poderia achar que não, afinal se eles vão atrás é porque gostam.

Mas não é. Eu sou só um depósito de esperma pra eles.

Sabe aqueles copinhos de coleta usados para exames? Então, isso que a puta é.

E eu sou puta.

Tanto que a pergunta que eu mais escuto é "cospe ou engole?".

Nenhum dos dois, querido. Camisinha.

Camisinha pra boquete? Cê tá loca.

É pra preservar nós dois.

Puta não tem nada que preservar. Tá na chuva é pra se molhar!

Sou um copinho de coleta. No meio de uma chuva de porra.

Milla



Por quatorze anos da minha vida fui uma criança privilegiada. Meus pais separaram logo que souberam da gravidez, meu pai nunca quis filhos. Quando eu tinha dois anos, minha mãe casou novamente e então formamos uma família, mais feliz e mais bonita que a da Qualy.

A Sabrina era produtora musical, então a hora de dormir era um momento especial de cantoria entre nós três. Eu pegava no sono embalada pelas vozes das duas mulheres que me davam todo o amor que eu precisava. Sabrina sempre disse que eu poderia ser cantora. Era meu sonho. Acabou junto com esse que era a minha própria vida.

Foi exatamente no dia que descobrimos a doença da minha mãe. A Sabrina me acalmou, enquanto eu tentava segurar as lágrimas, eu também queria ser forte para elas. Mas o enterro mal acabou e meu pai já entrou em ação. Eu fui obrigada a morar com ele. A Sabrina não tinha nenhum direito sob mim. E pior: eu nunca mais poderia vê-la. Ela não era nada minha.

Foi isso mesmo que meu pai me disse: a mulher que me criou, que, junto com a minha mãe, havia me ensinado tudo que eu sabia, não era nada minha. Ela lutou por mim, mas além de não conseguir minha guarda, ainda foi proibida de me ver. Meu pai não queria que eu convivesse nem mais um dia com uma sapata. Palavras dele.

O câncer da minha mãe era punição do nosso senhor Jesus Cristo, em nome de Deus, por ser uma pervertida, coladora de velcro. Eu nem sabia o que isso significava! No meu antigo lar palavras ofensivas nunca eram ditas. Meu novo lar era com esse cara que nunca me quis, que nunca foi meu pai, mas que tinha direito sob mim. E o meu direito?

O meu pai também tinha casado novamente e eu fui obrigada a chamar sua esposa de "mãezinha". A mãezinha era uma mulher especial, trabalhava no conselho tutelar, reconhecida por suas boas ações, fazia serviço comunitário, era ligada no meio ambiente e em ONG's. Super protetora das crianças. Mas eu já tinha quatorze, não era mais criança e não fui protegida.

Pelo contrário. Ah, muito pelo contrário. A mãezinha botava a madrasta da Cinderela no chinelo. Até a gata-borracheira ficaria com pena de mim. Ela perdeu uma mãe, eu perdi duas. Fui tirada do meu colégio, aquele que a Sabrina pagava pra mim e seguiria pagando não fosse meu pai me colocar em outro.

Foi nesse novo colégio que eu arrumei uma forma de sobreviver. Quando eu comecei a menstruar, a mãezinha me mandou usar panos, era assim na época dela e ela não iria comprar absorventes pra mim, não era bom pro meio ambiente. Foi então que eu tive a brilhante ideia de pedir dinheiro pra um colega pra comprar os absorventes, ele era o líder da turma e o menino mais gente boa que eu conhecia. Ele me deu o dinheiro. Em troca de um favorzinho, algo que só entendi quando ele começou a baixar as calças e aproximar o pênis da minha boca. O que hoje eu chamaria de uma "chupadinha" me rendeu dois pacotes de absorvente e um chocolate. Foi barato, mas naquele dia valeu muito, eu estava cansada de passar vergonha sujando minhas calças de sangue e o chocolate ajudava na TPM.

O último cigarro que a mãezinha apagou em mim foi no meu aniversário de dezenove anos, eu estava lavando a louça do almoço que ela fez pras amigas. Eu quebrei um dos pratos no rosto dela quando senti o já costumeiro calorzinho na minha pele. As amigas viram, chamaram a polícia. Eu empurrei uma delas pra chegar no elevador e não olhei pra trás.

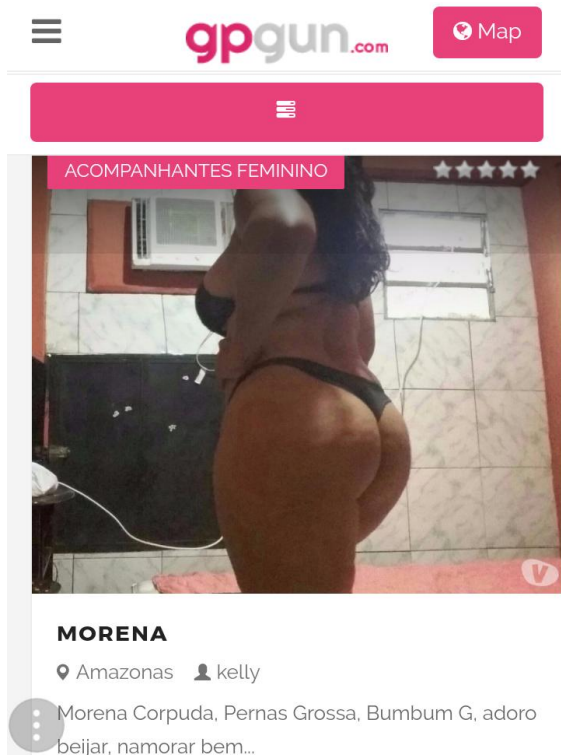
Tentei seguir o meu sonho. Mas o único lugar que eu consegui cantar era uma casa de stripper. Então eu cantava e fazia outras cositas más. Minha boca era mais valorizada por essas tarefas. Não adiantava juntar grana, nunca conseguia sair. Era um programa atrás do outro, mas a casa ficava com quase tudo. Meu pai e a mãezinha tinham usado meu corpo para tortura e trabalho. A minha colega me avisou: essa vida não tem volta. Nem quando a Sabrina entrou ali me procurando.

A Sabrina, que eu nunca fui obrigada a chamar de mãe ou mãezinha, mas que era, sim, algo pra mim. Muito pra mim. Minha família.

Eu me escondi, com nojo daquilo tudo, com asco da Heloísa (meu nome de guerra, sim, essa vida é uma guerra). Eu jamais seria a Isadora novamente.

Era o que eu pensava até uns dias atrás, quando fui chamada para assumir o cargo do concurso público que eu fiz. Liguei pra Sabrina, ela não mora mais aqui, mas estou de mudança amanhã para o apartamento que ela deixou no meu nome.

Heloísa



Eu não tenho vergonha de dizer o que eu faço. Se bem que nunca precisei dizer até hoje, porque, não sei como, quando me olham já sabem. Eu não ia vim. Mas tu dá uma ajeitadinha aí. As outras meninas tem mais estudo que eu. Isso é fácil, não tenho quase nenhum. Oswaldo sempre fala pra mim estudar, sair dessa vida. Vontade eu tinha, ele diz que eu tenho cara de advogada, que combina comigo, porque eu estou sempre discutindo as coisas. Bem criança eu sonhava em ser atriz. É como se eu fosse, vivo fingindo que gozei. Mas essa vida é a única que eu tenho, que eu já tive. Oswaldo é meu cliente, ele é gente fina. Não tem só cliente escroto. Tem de tudo.

Quando minha avó morreu e eu fiquei sozinha com a minha irmã mais velha, não teve outro jeito, não. Ela me disse "é faxina ou ponto". Ela já tinha escolhido o ponto, no meio de uma rua escura e fedida, que eu vi pela primeira vez com treze anos. Mas eu não ficava lá, que minha irmã não era nenhuma retardada, quem pedia por "cocotinha" ela levava até lá em casa pra me buscar.

Não foi por preguiça, não, senhora! Eu até fiz umas faxinas, mão ressecada da clorofina, fazendo brilhar o chão dos outros. Até que eu tomei um peteleco da minha patroa por quebrar um copo. Saí quieta, né.

Mas não foi por preguiça, não, que eu não desisti de primeira. Até que o dono da casa que eu limpava me prensou no balcão, enfiou a mão por dentro da minha roupa, só não meteu mesmo porque não deu tempo, sabe, chegou gente, e olha que eu sou fortinha desde pequena.

Só que eu desisti mesmo foi no dia que a menina cuspiu na minha cara. Algumas colegas da escola reunida na sala. Eu fui juntar a mochila dela, com todo jeito, mas não foi boa ideia. Aquele cuspe grudento parou no meu olho, escorrendo bem devagar. Elas riram. Eu pensei que não tinha como passar mais trabalho do que isso.

Tem.

Eu empurrei ela, a filha loirinha da patroa, franzina, delicadinha, uma boneca. Eu com treze, ela com quinze. A mãe dela se queixou pra minha irmã, disse que ia na polícia. Minha irmã só faltou beijar o pé dela e disse que ia me dar uma surra.

Deu.

Me grudou pelos cabelos na frente da mulher mesmo, e aquela vaca sorriu. Ficou até o fim. Aprende pobretona ridícula, o que que acontece pra quem mexe com meu anjinho de luz. Aquela cretina.

Aí eu pensei que não tinha como passar mais trabalho do que isso.

Tem.

Descobri que tem no mesmo dia que eu fiz meu primeiro atendimento. Lá onde minha irmã ficava não tinha jeito de conseguir coisa boa. Ele fedia a cachaça. Babava em mim, fazia eu lembrar do cuspe da menina. Aí quando acabou minhas pernas tremiam. Ah, mas eu não chorei. Minha irmã me dava outra surra.

Eu não culpo ela, a gente tinha que sobreviver. Ela também fazia isso desde a minha idade, a minha avó fez com ela o que ela fez comigo. Tem gente pior. Uma amiga minha, por exemplo, trabalhamos juntas algumas vezes, ela não era daqui. O próprio pai colocou ela na estrada pra atender caminhoneiro em troca de cacho de banana.

Não é o dito popular, não, minha flor. É verdade. Caminhoneiro fede, ela me dizia, fede a gasolina, suor, cerveja. Ela começou novinha, mais do que eu. Quando ela me contou do dia que ela foi paga com uma garrafa de azeite, me doeu. Ai, doeu muito. Foi um nojo só. O cara estava com o pau bichado, fez anal, ela sangrou, ele ficou brabo, xingou, fez ela chupar,

tinha até pus naquilo. Ela vomitou. Ele encheu a mão na cara dela. Mão pesada, suja. Eu até chorei, sabe. Ela tinha dez anos.

Minha amiga achou que ia ser melhor saindo de lá. Mas homem é homem. Rico, pobre. Fedorento, cheiroso. Arrumado, bagaceiro. Eles tem uma imaginação pra coisa ruim, coisa que rebaixa a gente, que vou te contar! Um engravatado pegou ela por aqui na minha cidade, fez miséria com a coitada. Miséria! Não vou nem contar, deixou o tal caminhoneiro perebento no chinelo.

Eu disse pra ela que bom era ser puta de casa de luxo, sabe! Na rua a gente fica a mercê, jogadas.

Ela me disse que apesar de tudo, tinha sorte, nunca pegou aids. Pra quem foi começar a usar camisinha lá pelos vinte, é sorte mesmo. Disso não posso reclamar da minha irmã, ela já avisava antes, tudo com camisinha.

Mas sabe que ela é tão bonita! Tá sempre vestindo roupa com flor, quando era criança ela juntava florzinha que nascia na beira da estrada, enquanto ficava caminhando, esperando homem parar. O pai dela via que ela era chegada mesmo nessa coisa de planta e quando o freguês dava dinheiro a mais, ele comprava uma flor pra ela na tenda de uma vizinha. Ela até hoje fala dele como um homem bom, que a fome deixa qualquer um sem limites. Eu acho que se fosse assim ele tinha colocado o cu dele pra negócio e não o dela, mas tudo bem, não vou ser eu que vou manchar as poucas lembranças boas da criatura.

Eu não tenho ódio da minha irmã, mas ela fazia o mesmo que eu, não ficava sentada em casa esperando. Eu tenho vergonha, sim, do que eu sou, mas me sustenta. Não é de todo ruim. Tem cliente bacana. Me bate uma tristeza mais é quando eu olho pra minhas unhas. Dizem que unha de puta é vermelha. Só se for de puta endinheirada.

As minhas estão sempre descascando.

Que agonia, não tem esmalte que pare. Me dá um cansaço.

Morena

Polly

(51) Ligue e diga c

Últimos dias em Porto Alegre, só até 24/3 Acompanhante de alto nível, diferenciada e única. Minhonzinho estilo namoradina de olhos verdes naturais, pele lisinha e macia, simpática e carinhosa. Uma bonequinha na medida certa para você.

Para quem sonha em viver momentos inesquecíveis, essa é uma oportunidade rara. Atendo casais, aceito cartões de credito e debito.

Contatos



Como Sou

Idade: 20 anos
Altura: 1,55m
Peso: 54 Kg
Olhos: Verdes
Cabelos: Loiro
Busto: 90 cm
Quadril: 98 cm
Cintura: 60 cm
Pés: 34
Manequim: 36



Compartilhar



Atendimento

Horários: à combinar
Cachê: à combinar
Locais: Hotéis e Motéis
Cidades: Porto Alegre

Video

Eu não penso em me aposentar tão cedo, ainda estou me esforçando para estabilizar minhas contas, mãe de família tem muita coisa pra pagar, ainda bem que eu só tive dois filhos. E já é uma grana federal. Criança é um investimento gigante, só que os lucros, financeiros, nunca vêm.

Mas eles são tudo pra mim. Nenhum dos dois reclama do que eu faço, tem amigas minhas que passam um cortado com os filhos, tem que esconder, escutar desaforo, não é fácil, não. No meu caso, só quem incomoda é minha mãe. Isso lá é jeito de ganhar a vida, Carina! Vendendo o teu corpo.

Mãe, eu não vendo meu corpo. Depois que tudo termina ele segue comigo pra casa, junto com o dinheiro, aquele que eu entrego metade na tua mão. Eu alugo meu corpo, um pedacinho dele. Como todo mundo.

É, as professoras alugam o cérebro, as empregadas, as mãos, jogador de futebol, pés e pernas. Eu presto um serviço, mãe.

O problema é quando os clientes pensam como a senhora, como a sociedade. Quando eles acham realmente que compraram o meu corpo e podem dispor dele como bem entendem, que eu deixei de existir, que eu virei um troço qualquer depois que baixei as calcinhas.

Nada no mundo é preto e branco, não, mãe. Isso tudo nunca vai entrar na tua cabeça, mas já que paga a luz, a água e metade do teu rancho mensal, podia me dar uma folguinha de tanto sermão, né.

É bem verdade que a primeira vez eu quis gritar pela senhora. Eu achei que não ia dar. Era um homem alto, magro, um pau muito grande. Ele começou bem rápido, mal eu tirei a roupa, ele agarrou meus seios com força, apertando. Ele me fez deitar na cama e me chupou. A língua dele era áspera, eu continuei seca. Não conseguia sentir nada, só pensava em gritar "mãe". Depois de alguns segundos do que eu posso chamar de o pior sexo oral da minha vida, ele começou a passar o dedo no meu clitóris, tão rápido e tão violento, que eu achei que ia arrancar fora. Eu não disse nada, fiquei olhando pro lado, a cabeça um pouco inclinada, o pensamento tão vazio quanto o meu tesão. Quando ele decidiu penetrar, a lubrificação não tinha dado as caras ainda, aquilo entrou arranhando, uma sensação de atrito sem fim. Indo e voltando. Raspando a minha buceta. Ele satisfeito, me chamou de apertadinha, continuou metendo freneticamente. Eu já sentia arder. Pensei "tem algo errado, minha buceta não deve ter sido feita pra isso". Vai ver eu não conseguia transar sem tesão. Mas eu fui até o fim.

Voltei pra casa. Eu ainda morava com a senhora. Cheguei e vi a minha prima sentada no sofá, ela tinha contado o que eu fui fazer. Ao contrário do colo que eu precisava eu ganhei um belo tapa na cara.

Isso foi só um reforço pra vontade que eu já tinha de sair de casa. Eu continuei com os programas e consegui alugar um quarto fora, comprei lubrificantes, aprendi muita coisa. E a senhora... a senhora nunca negou nenhum cheque, nenhum envelope de dinheiro, mas nega sempre, pra todas as amigas e conhecidas, que ainda tem contato comigo.

Polly

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. Discurso e identidade: o sujeito lacaniano na teoria política de Ernesto Laclau. In: JOBIM, José Luís. PELOSO, Silvano. (Orgs.) *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BORBA, Maria A. J. de Oliveira. Em busca do sujeito perdido: reflexões filosóficas, forças literárias, deslocamentos culturais. In: JOBIM, José Luís. PELOSO, Silvano. (Orgs.) *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006.
- BORGES, Maria de Lourdes. O corpo: o lugar contraditório do feminino. In: BORGES, Maria de Lourdes; Tiburi, Márcia. (Orgs.) *Filosofia: machismos e feminismos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.
- BRANCO, Lucia Castello. BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2006.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CALLIGARIS, Eliana dos Reis. *Prostituição: O eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2005.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CONTARDI, Laura Aldana. Cuerpos, voces y emergencias. In: MUÑOZ, Marisa. VELA, Liliana. (Orgs.) *Afecciones, cuerpos y escrituras: políticas y poéticas de la subjetividad*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013.
- COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

- DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. (Orgs.) *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- DOS SANTOS, Magda Guadalupe. O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos. In: BORGES, Maria de Lourdes; Tiburi, Márcia. (Orgs.) *Filosofia: machismos e feminismos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.
- FERRO, Eula Pereira. *Prostituição e romance*. Goiânia: Ed. UCG, 1997.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FREUD, Sigmund (1933[1932]). Feminilidade – Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GÓIS, Edma Cristina de. O peso da memória: a representação do corpo gordo em Cíntia Moscovich In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. (Orgs.) *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- GROSZ, Elisabeth. *Corpos reconfigurados*. In: Cadernos Pagu (14). Campinas: UNICAMP, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LASTÓRIA, Luiz Nabuco. PUCCI, Bruno. ZUIN, Antônio. *10 Lições sobre Adorno*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2010.

- MELLO, Ana Maria Lisboa de. Introdução. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. (Org.) *Escritas do eu: introspecção, memória, ficção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- MONTEIRO, Maria Conceição. Identidades fragmentadas nos círculos de medo e desejos. In: JOBIM, José Luís. PELOSO, Silvano. (Orgs.) *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006.
- MORAIS, Juliana Borges Oliveira de. Por uma escrita poética diaspórica em Cyana Leahy-Dios. In: ARRUDA, A.A. [et. al.] (Orgs.) *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- NAHRA, Cinara. Kant e as prostitutas. In: BORGES, Maria de Lourdes; Tiburi, Márcia. (Orgs.) *Filosofia: machismos e feminismos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.
- NOGUEIRA, Nádia Cristina. Escrita de si, escrita autobiográfica em Elizabeth Bishop. In: ARRUDA, A.A. [et. al.] (Orgs.) *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- NÓLIBOS, Paulina. Helena, a sedução enquanto método e o corpo como instrumento. In: RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- RAMAGLIA, Julia Boggia-Juan. Políticas de la voz u la mirada o de los mapas de lo posible. In: MUÑOZ, Marisa. VELA, Liliana. (Orgs.) *Afecciones, cuerpos y escrituras: políticas y poéticas de la subjetividad*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013.
- REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. São Paulo: Objetiva, 2014.
- RIBEIRO, Ursula N. *Mulher mercadoria*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- ROIG, Arturo. *Ética del poder y moralidad de la protesta*. Mendoza: EDIUNC, 2002.
- VIGNA, Elvira. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- XAVIER, Elodiá. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Anexo A - Entrevista com Monique Prada

Monique Prada é trabalhadora sexual, ativista, feminista. Escritora às vésperas de lançar seu primeiro livro, participa e organiza debates sobre temas que abordem feminismo e prostituição. Gaúcha por acaso, vive solta pelo mundo e se adapta quase bem a qualquer espaço. Colunista de Mídia Ninja, é uma das fundadoras da CUTS- Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais. Desde 2014 é co-editora do projeto MundoInvisivel.ORG , que trata de questões ligadas ao trabalho sexual ao redor do mundo.

(Texto retirado do seu Blog, "A cortesã Moderna" - <<http://acortesamoderna.com.br/>>)

Como o estereótipo atribuído as trabalhadoras sexuais interfere na vida privada dessas mulheres?

O estereótipo e o estigma sobre trabalhadoras sexuais vai interferir na vida de todas as mulheres. Uma vez que determinamos que existe um tipo de conduta, vestimenta e comportamento destinados a determinado tipo de mulher (as putas, no caso), e ser comparada a uma dessas mulheres é a pior coisa que pode acontecer a qualquer das mulheres, esse estigma passa a ser um eficaz modo de controle de corpos e comportamentos para todas as mulheres, não apenas as que exercem trabalho sexual. O estigma é um fator essencial para a manutenção do sistema, e não tem nada a ver com o que uma mulher que cobra por sexo faz, mas é sim sobre controle.

Você se sente desacreditada em espaços acadêmicos por ser uma trabalhadora sexual?

Não, não me sinto desacreditada.

Você afirma que o trabalho sexual é uma profissão de empoderamento feminino (referindo-se ao direito de escolha de cada mulher), no entanto, o patriarcado interfere na leitura que a sociedade faz dessas profissionais, submetendo a elas diversos estigmas, como por exemplo o da disponibilidade sexual, como você lida com isso?

Eu não acredito que nenhum trabalho na sociedade capitalista possa ser empoderador em si, em especial os trabalhos precários exercidos por mulheres com um leque menor de opções de escolha (o caso do trabalho sexual). Agora, sim, em relação a outros trabalhos precários, na

maior parte das vezes o trabalho sexual vai pagar melhor, o que pode criar uma situação de empoderamento financeiro em relação a outras atividades (que tem a ver com a melhora da condição de vida, e não com o trabalho exercido, e portanto é algo que pode ser conquistado em outras atividades).

A trabalhadora sexual presta um serviço como diversos outros profissionais, contudo, muitas vezes ela é rotulada como uma mercadoria. Como subverter essa lógica absurda?

Bastando que a gente pense nos outros profissionais: nós pagamos pelos serviços prestados, a sua força de trabalho é a mercadoria neste caso, nunca as pessoas que a vendem.

Você acredita que a representação da trabalhadora sexual em diferentes espaços (literatura, arte, cinema, televisão) pode acabar reforçando o estereótipo social? Seria importante, segundo a tua opinião, dar voz e autonomia para o aparecimento da subjetividade da trabalhadora sexual?

A representação da trabalhadora sexual pode ou não reforçar estigmas, isso vai depender da obra. É uma questão bastante subjetiva essa...